

Covid: aumento de casos no interior preocupa Governo

Estudo do Consórcio Nordeste mostra que o contágio em municípios por onde passam as BRs 203 e 101 é crescente. [Páginas 16](#)

Foto: Agência Brasil



Caso Floyd (re)acende debate sobre o racismo

Em meio à pandemia de coronavírus, tragédia envolvendo um homem negro e um policial branco traz o debate racial para a ordem do dia em todo o mundo. [Páginas 5 e 6](#)

Diversidade



Foto: Roberto Guedes/arquivo



Empobrecimento do solo Processo de desertificação, causado por manejo não sustentável e uso predatório dos recursos naturais, esgota a capacidade produtiva da terra. [Páginas 13 e 14](#)

Foto: André Cananéa/arquivo pessoal

Cultura



Radicado há 45 anos em SP, o paraibano Assis Ângelo desenvolve uma ópera em cordel para 'Os Lusíadas'. [Página 9](#)

Paraíba

Foto: Marcos Russo



Patrimônio Histórico De arquitetura imponente, as fontes de água de João Pessoa oferecem um "mergulho" na história da cidade. [Página 7](#)

Geral

Foto: Evandro Pereira



Universidade no combate ao novo coronavírus

Rangel Júnior, reitor da UEPB, frisa que a comunidade universitária tem atuado em parcerias e realizado ações em várias frentes durante a pandemia. [Página 4](#)

Paraíba



Solânea se destaca pelo turismo religioso

Município do Brejo paraibano conhecido pelo espaço dado à fé atrai fiéis dispostos a conhecer, por exemplo, o legado do Padre Ibiapina. [Página 8](#)

Almanaque

Foto: reprodução



O Pai dos Pobres Padre Zé Coutinho pode se tornar o primeiro santo paraibano. [Página 17](#)

Esportes

História de Basílio Emídio no atletismo não acabou

Considerado um dos principais nomes da modalidade a partir do final dos anos 1990, paraibano agora gerencia a carreira de outros atletas. [Página 12](#)



Editorial

Causa e efeito

Há quem não acredite na existência de céu, inferno e purgatório. Aliás, em nenhuma sociedade metafísica. O efeito da ação de cada um se desenrola no plano da realidade terrestre concreta, e cada um receberá uma espécie de retorno equivalente ao tipo de ato que cometeu. Se agiu bem, as reações virão a favor do bem; se atuou mal, o retorno será obviamente nocivo.

Para quem pensa dessa maneira, essa lei de causa e efeito nunca é revogada. Ou seja, para quem pratica algum tipo de maldade, um dia a conta será cobrada, mesmo que quem a praticou não esteja mais aqui. O jornalismo e a arte, por exemplo, são fontes de reparações históricas, denunciando criminosos que ficaram impunes ou promovendo mártires esquecidos.

A história também é implacável, neste sentido. Reputações vêm abaixo todas as vezes que sobe a maré da consciência, fazendo com que o mar do conhecimento invada os territórios peçados de convenções estabelecidas pelos vencedores. Então o inimaginável acontece, levando muita gente poderosa a se revirar no túmulo, para usar aqui uma imagem bastante popular.

É o que está acontecendo agora com a memória de personalidades ilustres da história colonial de países como Inglaterra e Estados Unidos da América, que tentaram se imortalizar ou que suas famílias e admiradores se esforçaram para eternizar por meio de imponentes estátuas, assentadas em espaços públicos de grande circulação de pessoas, como praças, ruas e avenidas.

Que fizeram figuras iminentes, como o poderoso rei Leopoldo 2º da Bélgica e o rico comerciante Edward Colston, para terem os monumentos que os retratavam derrubados dos lugares que solenemente ornamentavam? Exploraram e mataram milhares de homens e mulheres africanos, ajudando, com o sangue e o suor deles, a construir impérios.

Durante décadas, os símbolos dessas celebridades ilustraram álbuns fotográficos e serviram de poleiros a passarinhos, em cenas bucólicas. Mas o tempo e a dureza do mármore não foram suficientes para deter o revide das ações que praticaram. Elevou-se a maré do discernimento, e a onda antirracista destruiu a tolerância que se tinha para com essas falsas reputações.

Artigo

Sitônio Pinto

sitonio.pinto@gmail.com | Colaborador

Cabeceiras

Os geógrafos chamam-lhe "divisor de águas". Para mim, é um divisor de tempo. No seu contraforte sul, nasce o Pajeú; no contraforte norte, nasce o Piancó. Conheço-lhes os grotões caudatários de seus riachos, vertentes dos dois rios sagrados. Grotões domésticos, sem registro topográfico ou toponímico, os nomes escondidos nos cafundós. Só a pouca gente perdida naqueles Entremontes sabe-lhes os apelidos e as cacimbas. Perambuleio-os, junto com os bodes saltimbancos, nos estios de minha infância.

Por isso, para mim a serra da Baixa Verde é um divisor de tempo. No seu contraforte morte estão sepultados meu umbigo e meus maiores. A jusante e a montante desabam as grotas de sangue que fazem o rio de minha raça. Porque perambulei aqueles peraus com os bodes, herdei-lhes, por contaminação genética, a raça "cabra", única no mundo, exclusiva daqueles mundéus.

Raça que foi conquistada a laço nas mulheres gentias. Raça que foi temperada a ferro em brasa nas ancas iorubas, na grande noite negra como a pele dos porões das naves. Na grande noite do exílio perpétuo em América. Duas raças subjugadas pelo sangue galego, ele já miscigenado pelo contágio celta, georgiano, latino, mouro, semita, germano, formando a tinteira ibérica desfraldada na cruz maltina das velas grandes.

E em nome dessa cruz vermelha o gentio foi massacrado, batizado, absorvido e absolvido para entrar nos reinos de Portugal e dos Céus. E África foi transbordada para América e seu mar canavial, suas praias de algodão.

Nas vertentes da Baixa Verde havia quilombos: ao sul, o de São Serafim e o de Livramento; ao norte, Piancó abaixo, o dos Mocós, na praia oeste do rio onde levantaram a vila de Misericórdia. Eram negros fugidos que procuravam, nas caatingas do sertão, a liberdade perdida na savana africana. Chegaram pouco depois do índio, ambos fugados ao branco escravista e exterminador.

Depois, a ambição galega plantou currais e arraiais em todo o oeste da Borborema, até chegar ao divisor de águas e seus contrafortes onde moravam Pajeús, Piancó, Tairariús e os negros fugidos da senzala. As mulheres sobreviventes foram preadas e prenhasadas. E a raça nasceu cristã pelo lado paterno, os deuses maternos subjugados e banidos.

Perambulei com esses duendes nos peraus da Baixa Verde. Eram caaporas escondidos nas capoeiras secretas de juremas, amedrontados ante minha lazarina. Os exus, mais arredios ainda, faziam-se sentir com seu pio disfarçado entre o arrullo e o trinado dos pássaros. Os duendes eram proibidos feito os caminhos que só eu e os bodes sabíamos. Caminhos do mato, abertos e fechados pelos próprios bichos em busca de água ou da rama ainda verde. Caminhos escarvados pelas torrentes onde eram paridos os dois rios sagrados de minha serra e minha raça e que levavam os nomes de seus primeiros senhores destronados: Piancó e Pajeú.

Os geógrafos chamam-lhes de "rios intermitentes". Isto é, rios que não correm o ano todo nem todos os anos. Vejo-os pelo prisma das pedras-de-fogo em que rasgam seus umbigos no parto das grotas. São rios que renascem nos anos bons, após o Natal, quando o bacamarte dos trovões anuncia ao Sertão que nasceu um menino macho, mais forte que os coronéis, para salvar o seu povo.

Por isso, para mim a serra da Baixa Verde é um divisor de tempo.

Artigo

Martinho Moreira Franco

martinhomoreirafranco46@gmail.com

Cadeira vazia

Milton Nóbrega deve estar muito bem de outra vida nos campos do Senhor, mas é pena que não ocupe hoje a sua cadeira cativa na sala de TV para bater bola com lembranças de um passado marcante em sua trajetória de torcedor vascaíno. Conforme anunciado, a Bandeirantes exibe às 14h deste domingo o VT completo do Palmeiras x Vasco disputado em 20 de dezembro de 2000 no Estádio Palestra Itália, em São Paulo, pela final da Copa Mercosul. Para quem não é do ramo, o jogo foi considerado "A Virada do Século", título de livro escrito pelo jornalista Camilo Sepúlveda, lançado em 2009. Isso porque, depois de estar perdendo por 3x0 no primeiro tempo, o Vasco da Gama mudou o placar na segunda etapa para 4x3, no gramado do adversário, conquistando o título do torneio ao qual concorriam grandes clubes sul-americanos.

Ainda para os iniciados, esclareço que a decisão da Mercosul teve uma melhor-de-três, com o Vasco vencendo a primeira (2x0) e o Palmeiras, a segunda (1x0). A "negra" (ou a "afrodescendente", como querem os politicamente corretos) terminou com o resultado que elevou o jogo ao patamar de uma das maiores viradas na história do futebol mundial. A conquista dos vascaínos se deu com três gols de Romário e um de Juninho Paulista, cabendo destacar que o zagueiro vascaíno Júnior Baiano foi expulso aos 33 minutos do segundo tempo. Nenhum roteirista de cinema seria capaz de armar e desenvolver uma trama como a da tal partida.

Bem, quem me conhece provavelmente haverá de questionar: "Oxê, e Moreira virou a casaca?". Nem pensar, é claro. Ainda mais tratando-se do Vasco da Gama! Continuo o mesmo que assisti à transmissão do jogo contra o Palmeiras no Cassino da Lagoa, secando o time de São Januário em companhia de Agnaldo Almeida, José Euflávio e outros flamenguistas até morrer. Passamos todos da euforia à depressão, como era natural. Só que, tantos anos depois, não tenho como deixar de reconhecer o feito vascaíno. E mais: também não tenho como deixar de relembrar o que aconteceu com Milton Nóbrega naquela inusitada noite. É que, como de costume, ele não sentiu coragem para assistir a uma partida decisiva do seu time de coração e gastou 105 minutos rodando com o carro pra lá e pra cá pelo contorno viário de João Pessoa, o rádio mudo no painel. Ao cronometrar o que seria o apito final, acionou o controle e, incrédulo, soube o que ocorrera no Palestra Itália. Desembestou no rumo de casa e, em meio à euforia familiar, pediu ao filho Victor para acionar no videocassete a fita que mandara gravar. Resposta do garoto: "Painho, quando estava 3x0 pro Palmeiras, a gente desligou o gravador". Milton só faltou chamar o filho de f...lamenguista. Hoje, certamente daria a volta por cima com a TV nas alturas.

Non sentiu coragem para assistir a uma partida decisiva do seu time de coração.

Artigo

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA:
99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Pais de autistas e o desafio da nova rotina com o isolamento

Conciliar as terapias dos filhos com os afazeres domésticos e o trabalho tem sido um teste de fogo para muitos

Dina Melo
dinapeirademelo@gmail.com



Fotos: Arquivos pessoais

Trabalho remoto, estudo, afazeres domésticos e toda uma vida trazida de fora agora tentam se encaixar entre quatro paredes. Não está fácil lidar com a revolução de hábitos que o confinamento tem causado na rotina das pessoas. A responsabilidade é maior quando envolve uma criança especial. A jornalista e advogada Milena Freitas é mãe de Ian, 3, que tem autismo. Segundo ela, a ausência das terapias e da escolinha (ambas agora feitas a distância) pesaram sobre o equilíbrio familiar: “Mudou tudo! Como todo autista é guiado pela rotina, me vi tendo que administrar a demanda de uma criança carente de atenção quase 100% do tempo – e ainda dar conta de todo o resto”, relata.

Ela, que geralmente dividia o tempo cuidando da casa de dia, enquanto o menino ia para a aula, e estudando à noite, nas horas de sono dele, viu o relógio dar um nó. “Ian fazia, no mínimo, dez horas semanais de terapia, entre fono, psicologia, terapia ocupacional e estimulação em casa. No início, não conseguíamos fazê-lo se interessar pelo atendimento online, mas depois de um mês, deu certo. Há dias fáceis, outros não, porque Ian tem resistência a me ver como assistente terapêutica. Some a isso os efeitos do confinamento. Estamos seguindo, nos virando da melhor forma e escolhendo as batalhas que queremos lutar”, resigna-se.

O transtorno do espectro do autismo interfere nos aspectos sociais e comportamentais da criança, que apresenta necessidade de rituais e estereótipos (gestos repetitivos, como balançar-se indefinidamente) para or-

Milena Freitas, mãe de Ian, diz que o isolamento social é mais um desafio a ser vencido; já Elaine Araújo, mãe de Lucas, coordena associação e ressalta a solidariedade entre os pais de autistas

ganizar o seu pensamento. A quarentena fez com que muitos não entendessem porque tiveram a rotina interrompida – daí o choque que desencadeia as crises comportamentais. Coube aos pais lidar com as necessidades de um transtorno ainda em estudo.

A consequência é que os adultos também entraram em crise, por não ter arcabouço suficiente para assumir os papéis de terapeuta múltiplo e professor integral, tendo os limites emocionais testados a todo tempo. “Dependendo do grau do autismo, é possível fazer a criança entender. Mas, se for severo, ela insistirá em

manter as mesmas atividades de antes: sair de casa, passear, ir à praia – essa insistência esgota os pais”, explica a terapeuta Ana Maria Meneses, que trabalha na Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad).

A psicóloga, que desde o fechamento da fundação mantém contato com 62 mães por um aplicativo de mensagens, relata o impacto desse convívio sobre a saúde emocional delas: “Já teve mães que sofreram derrame, outras atingiram picos de pressão arterial e algumas entraram em depressão. A mim cabe sugerir trabalhos manuais para man-

ter a atenção dos filhos, com massinha colorida, marionetes, músicas: o que faz parte da ludoterapia. Há autistas que resistem à colocação das máscaras e se autoagridem como forma de liberar o estresse. A minha esperança é de que a pandemia passe para que retomemos a reabilitação presencial”, desabafa.

Solidariedade on e offline

A dona de casa Elaine Araújo é mãe de três filhos. O caçula Lucas, de 11 anos, tem grau moderado de autismo e aprendeu a falar aos 7. Ela coordena a Associação Integrada de Mães de Autistas

(Aime), no Geisel, em João Pessoa, responsável pelo suporte a 30 pais e mães de autistas carentes da Região Metropolitana, com a entrega de cestas básicas, brinquedos adaptados com material reciclado (para a ludoterapia) mais a assistência voluntária de um pedagogo e uma nutricionista. “Lucas, que gostava muito de sair e seguia um cronograma de atividades para cada dia da semana, demorou para assimilar a quebra na rotina. Quando passa as noites em claro, ninguém em casa dorme. Quando não come, eu também não como. Também passou a morder e a me arranhar”, relata.

A saída, quando as crises se intensificam, é apelar para técnicas de relaxamento: “Apago as luzes, ponho uma música suave enquanto o pai dá massagem, aplicamos óleos e florais. Você tem que usar todas as ferramentas ao alcance”. Essas e outras dicas Elaine busca compartilhar com outras mães via aplicativo de mensagens e Instagram (@aima_associao). As atividades online, aliás, tomam metade do seu dia, ela diz. “Um autista que aprende, aos 18 anos, a usar o banheiro e dispensa a fralda não é uma vitória de uma, mas de todas as mães da nossa rede”, comemora.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

PODEMOS PROJETA COLIGAÇÃO DE OITO PARTIDOS EM TORNO DA PRÉ-CANDIDATURA DE ANA CLÁUDIA

Presidente do Podemos na Paraíba – e líder da oposição na Câmara Municipal de Campina Grande – Galego do Leite (foto) falou, em entrevista à coluna, das articulações políticas em torno da pré-candidatura de Ana Cláudia Vital do Rêgo a prefeita da ‘Rainha da Borborema’, afirmando que o partido está na iminência de estabelecer coligações com outras legendas. “Temos um compromisso selado com o PTB. E haveremos de fechar com outros seis partidos para compor essa coligação. Então, quando isso ocorrer, vamos discutir com essas legendas a questão da escolha de um candidato a vice-prefeito que possa contribuir para um projeto de gestão, para resgatar o potencial econômico Campina Grande e criar políticas públicas para as pessoas”, disse. Galego do Leite fez menção à situação atípica de como está ocorrendo o cumprimento dos prazos estipulados pela Justiça Eleitoral para que as candidaturas possam ser efetivadas. “Como veio a pandemia, a campanha, digamos assim, está um pouco morna, mas os prazos [da Justiça Eleitoral] estão mantidos. Esperamos que tudo isso passe para, aí sim, a gente poder falar, efetivamente, de política, de campanha, por que é um tema delicado, há famílias sofrendo, perdendo entes queridos. Vejo até como uma falta de respeito a gente falar neste momento sobre eleição”, disse.

CANDIDATO À REELEIÇÃO

Prefeito de Jardim do Seridó (RN), município onde morou até os 19 anos, o músico Amazan reportou-se, em uma emissora de TV, sobre as dificuldades que o setor cultural vem passando por causa da pandemia de covid-19. Filiado ao PSD, foi cauteloso ao falar de política: “Tenho evitado em falar de eleição”, disse, mas confirmou que é candidato à reeleição.

ARGUMENTO CONVINCENTE

O senador José Maranhão (MDB) deverá integrar, por indicação do seu partido, a comissão mista do Congresso – de senadores e deputados – que discutirá a possibilidade de adiamento das eleições de outubro. Ele tem argumento convincente para escalar-se: é dele a primeira proposta para transferir o pleito para novembro e dezembro.

ELOGIOS DA CÚPULA

Senador de primeiro mandato, Veneziano Vital do Rêgo vê seu prestígio crescer dentro do PSB, partido do qual é líder no Senado. Em reunião da Executiva Nacional, por meio de videoconferência, o parlamentar recebeu elogios da cúpula partidária, especialmente do presidente Carlos Siqueira, para quem seu desempenho em defesa da democracia é exemplar.

CONTRA O FUNDAMENTALISMO

E por falar em PSB, na reunião da Executiva Nacional, o presidente Carlos Siqueira defendeu a criação de uma “amplíssima” frente em defesa da democracia e contra o “fundamentalismo de extrema-direita [da gestão Bolsonaro], que ainda não se realizou, em sentido próprio, em lugar algum do mundo”.

“NÃO TEM OBRA DE GRANDE ENVERGADURA” EM CG, AFIRMA PRESIDENTE DO PODEMOS

Galego do Leite fez críticas à gestão do PSDB: “A população não quer apenas propaganda institucional bonita. Nessa atual gestão, você não tem uma obra de grande envergadura com recursos próprios. Fala-se muito no Aluízio Campos, uma obra importante, são 4.100 imóveis, mas foi um investimento do Governo Federal, que bancou mais de 92% da obra”.

“A GENTE QUER QUALIDADE”

Além de Campina Grande, o Podemos participará da eleição majoritária em quantos municípios? “O partido está em mais de 50 municípios. Em alguns, teremos candidaturas a prefeito e, em outros, a vice-prefeito. Seguimos o que recomenda a presidente nacional, a deputada Renata Abreu: a gente quer qualidade [dos candidatos] e não quantidade”.

Rangel Júnior
Reitor da UEPB

“Servir à sociedade é o objetivo principal da UEPB”

Produção de álcool em gel e máscaras, projetos de ventilador pulmonar e assistência psicológica são ações feitas pela universidade

Ana Flávia Nóbrega
anaflavianobreg@gmail.com

O desafio da universidade, como entidade formadora de profissionais, é de formar indivíduos capazes de buscar conhecimentos e de saber utilizá-los nas mais diversas situações. Por isso, ano após ano os métodos de ensino se modificam para acompanhar a globalização e massificação de informações dispostas no mundo contemporâneo. Nesta perspectiva a inserção do aluno de graduação e pós-graduação em projetos de pesquisa e extensão se torna um instrumento valioso para aprimorar qualidades desejadas em um profissional de nível superior, bem como para estimular e iniciar o serviço da universidade com o meio social.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) tem o serviço à sociedade como principal pilar do ensino. Atividades de pesquisa, ensino e extensão são pensadas por professores e alunos para levar o conhecimento para além dos muros da universidade.

Antônio Guedes Rangel Júnior, reitor da UEPB concedeu uma entrevista para o Jornal A União para ressaltar o papel da instituição e da pesquisa no enfrentamento da covid-19 e de problemas latentes da sociedade.

Foto: Arquivo A União

Foto: Evandro Pereira

A entrevista

Quais os projetos que a UEPB vem desenvolvendo no enfrentamento ao novo coronavírus?

- A Universidade tem uma variedade enorme de frente de ação e vimos desde que iniciou esse processo. Buscamos ações que pudessem viabilizar a continuidade da vida acadêmica, da pesquisa e de extensão. E na, UEPB, é na extensão que temos respostas mais imediatas de desenvolvimento de tecnologias para o combate à covid-19. A Farmácia Escola e o Laboratório do Departamento de Química são preparados para a produção de bens de consumo como álcool em gel, sabão líquido que está sendo produzida de forma árdua que serve de aprendizado para os nossos estudantes. Como a principal meta era a preservação da vida, surgiu também o desenvolvimento de tecnologias pelo Nutes, que é o nosso Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde, que começou a pensar alternativas que pudessem favorecer o pessoal da saúde no combate ao novo coronavírus. O primeiro foi o aplicativo para que as pessoas acompanhassem os sintomas para orientar a população sobre a doença. Depois surgiu a plataforma online de um gerenciador de leitos de UTI para os hospitais de referência para a doença. Protetores faciais e máscaras também estão sendo produzidos para os profissionais da saúde.

Como foi a procura da comunidade para as ações realizadas pela UEPB durante a pandemia.

- A demanda começou a surgir de maneira intensa, o pessoal estava se revezando em turnos de 24 horas para poder suprir a demanda e nós estamos em busca dos insumos que nós não tínhamos em larga escala para produzir. Quando as pessoas souberam que estávamos precisando, o pessoal correu atrás também. Empresas se dispuseram a ajudar cedendo materiais plásticos rígidos de maneira gratuita. Então isso permitiu que a gente saísse de pouco mais de mil máscaras para 50 mil em pouco mais de um mês. O Nutes também desenvolveu um dispositivo de videolaringoscopia que ajuda na entubação do paciente e até modelos de ventilador pulmonar mecânico que pudesse ser utilizado e produzido com uma maior escala por conta da demanda. Por ser mais complexo, o nível de exigência da Anvisa para liberar o uso nas UTIs é bem complexo, então falta apenas a autorização deles. Ele está pronto, testado e temos empresas interessadas em produzir esses ventiladores que têm sido o nosso maior problema no Brasil para tentar controlar essa

“Também tem pessoas buscando alternativas para sanar esse problema e é isso que estamos fazendo.”

doença. Temos um pesquisador daqui do Nutes que foi convidado para ser um gerente do projeto da criação de uma vacina na USP e já está lá trabalhando na produção.

Em um momento crítico como este, a Universidade conseguiu agrupar iniciativas para ajudar no desenvolvimento de pesquisas e práticas usadas na linha de frente dos profissionais que lidam com a doença. Como isso refletiu na prática?

O Grupo Duraplast, uma empresa aqui de Campina Grande, foi o nossa maior parceiro. Eles cederam os plásticos para a produção das máscaras de maneira totalmente gratuita. Essa união foi uma coisa fenomenal. Antes nós só estávamos produzindo e distribuindo os materiais para Campina Grande e, com o incentivo deles, passamos a mandar para toda a Paraíba, conseguimos distribuir imediatamente também para o Rio Grande do Norte e Pernambuco, divulgamos o protótipo e outras universidades e empresas passaram a produzir também. Fizemos também o protótipo para recém-nascidos para evitar que esses bebês não se contaminassem. Foi uma ação conjunta de solidariedade. O nosso Departamento de Psicologia também está agindo após a provocação da Secretaria de Estado da Saúde (SES) que informou que profissionais de saúde estavam com problemas psicológicos por conta dos impactos que a exposição ao risco estava causando a eles. Como alguém no campo de batalha. O risco é iminente, principalmente de levar a doença para dentro de casa. Nesse período muitos profissionais estão isolados, sozinhos em hotéis. Então isso exigiu uma intervenção da psicologia. O nosso departamento oferece esse serviço de atendimento online para esses profissionais. Alunos, ex-alunos e até profissionais de outras instituições estão se voluntariando. É uma grande corrente de solidariedade com uma gama enorme de ações. Muita gente está em casa tentando se cuidar, mas também tem pessoas buscando alternativas para sanar esse problema e é isso que estamos fazendo. A sociedade tem que buscar a instituição, nos provocar para que a gente traga resultados.



Rangel Júnior, reitor da UEPB, frisa que a comunidade universitária tem atuado em parcerias e realizado ações em várias frentes na pandemia

“A UEPB é hoje uma instituição que tem uma estrutura melhor do que muitas universidades federais.”

Outros projetos são desenvolvidos pelos pesquisadores da UEPB e impactam na vida social para além da pandemia. O Observatório do Feminicídio é um exemplo disso?

- Servir à sociedade é o objetivo principal de uma instituição de ensino. No observatório nós temos uma parceria com o Ministério Público que mapeia esses casos de violência contra a mulher com o objetivo de contribuir com intervenções efetivas pelos órgãos de controle, vigilância e segurança, além da pesquisa no sentido de preservar vidas. Fazer esse trabalho preventivo é uma das linhas de ações do observatório porque nitidamente existe essa necessidade social no sentido de preparar a sociedade para lidar e evitar essa violência. Ela (a violência) está presente nas mais diversas formas, seja simbólica ou física, que repercute na vida e na educação das pessoas, na formação de valores. Então a ideia de equidade que preza pelos valores humanos acima de tudo é um trabalho que envolve a academia e a tomada de posição para proteger o lado mais frágil da história porque não é concebível que, em pleno século XXI, a gente continue lidando com situações que beiram à barbárie o tempo todo. E esse é um serviço e missão nosso.

Além dos projetos que visam o combate direto a problemas sociais e de saúde pública diversos, a UEPB também nutre a preservação cultural através dos acervos de obras raras em sua biblioteca e a manutenção do Museu de Arte Popular da Paraíba. Conte um pouco sobre as ações da UEPB na área cultural.

- Temos um acervo riquíssimo em termos culturais e de pesquisa. Hoje nós trabalhamos pela preservação de obras raras de pessoas e pesquisadores de grande nome que, se a gente não tomar à frente com o interesse, eles acabam se perdendo e isso seria um prejuízo enorme cultural e intelectual para a sociedade. Temos uma biblioteca de obras raras do grande Átila Almeida, que foi adquirido pelo Governo do Estado, temos também de Ronaldo Cunha Lima, Raymundo Asfora, Gilmar de Carvalho, Severino Bezerra de Carvalho, Manoel Monteiro e muitos outros. Não posso adiantar agora, mas estamos trabalhando e discutindo para a Universidade receber outros acervos riquíssimos e trabalhar para divulgar isso para que a população passe a vir para a biblioteca. Porque a Universidade é perene, outras gerações virão e precisamos manter isso vivo. Temos uma preocupação muito grande na questão de preservação da história. O Museu de Arte Popular da Paraíba foi entregue à UEPB para que fosse gerenciada e planejamos toda uma condição para a aquisição de acervo, colocação e pensar a preservação cultural. O Museu de Arte Popular, batizado como Museu dos Três Pandeiros, tem três áreas com uma para o artesanato, música e o cordel, o repente e a cantoria. Nesse momento as atividades estão suspensas, mas o Museu mantém atividades educativas e anualmente abrimos uma exposição que valoriza os artistas paraibanos. Esse conjunto de obras faz parte do trabalho de engrandecimento da instituição.

Há projeto para a reabertura do Museu de Arte Contemporânea?

- Temos um prédio onde funcionava o Museu de Arte Contemporânea, mas foi fechado porque perdemos o acervo judicialmente para a Furne, que era a mantenedora da UEPB, mas já fechamos uma parceria com a Fundação Pedro Américo e a Fundação Padre Anchieta com quem compartilharemos a gestão, sem gastos para a instituição. E estamos planejando a reabertura do local após a pandemia. O Museu de Paleontologia e História Natural funciona de maneira precária em um de nossos prédios e agora nós estamos trabalhando para mudar essa realidade e entregar ao museu um prédio novo e com uma maior estrutura.

A UEPB vive uma fase de crescimento após o período de declaração de autonomia, como o senhor enxerga o momento?

- A UEPB é hoje uma instituição que tem uma estrutura melhor do que muitas universidades federais. O curso de Comunicação, por exemplo, comparado com a UFPA, nós temos condições muito melhores. Eu convivo neste ambiente, são praticamente 40 anos convivendo no cotidiano na UEPB e vejo esse crescimento. Os professores também estão se renovando, ainda estamos nessa transição que evoluem ainda mais o nosso ensino. Muitos professores da instituição são ex-alunos. Eu sou também o primeiro reitor que foi ex-aluno. Então tudo isso revela essa transição para uma modernidade. Para uma situação que é profundamente arraigada a vida do povo, mas ligada intimamente à tríade da pesquisa, ensino e extensão.



Afinal, por que vidas negras importam?

Pesquisadores e militantes levantam o debate que, em meio a uma pandemia, levou milhares de pessoas, em todo o mundo, a se manifestarem contra o racismo



Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

É o racismo o maior viés de violência que extermina negros no Brasil e os mantém marginalizados e inferiores na supremacia construída pelos brancos. Além da violência, o racismo está presente nas relações de trabalho, saúde e educação. Para entendê-lo, filósofo Michel Foucault explica que o racismo é um mecanismo utilizado por elites como “o meio de introduzir [...] um corte entre o que deve viver e o que deve morrer” para distinguir e hierarquizar as raças. Com o desenvolvimento da humanidade, o racismo se constituiu como uma maneira de precisar ser superior ao outro para poder viver e existir.

No Brasil, este foi o fator que disseminou a escravização e o genocídio colonizador. Os brancos europeus precisavam se distinguir dos trabalhadores para manter a hierarquia criada socialmente. Dividir entre colono e escravo era um pretexto para a dominação. “Desumanizar, classificar, inferiorizar sociedades diferentes da europeia foi um processo necessário para o projeto colonizador - de universalização do homem europeu”, ressalta o historiador Túlio Carlos da Silva Antunes. Ele aponta os proble-

mas para entender e debater o racismo no Brasil na atualidade. “Discutir racismo no Brasil é entender, antes de tudo, duas coisas: aqui racismo é um tabu - facilmente verificado em duas atitudes: a) a dificuldade de nomeação de atitudes e pessoas racistas e b) a defesa de um país não racista - e, que a identidade nacional foi criada sob a égide de uma “democracia racial”, notadamente a compreensão de que somos um único povo, universal (miscigenado). A fala do ministro da educação, Abraham Weintraub, por ocasião da reunião ministerial do dia 22 de abril deste ano, põe em evidência essa realidade: “[...] só tem um povo nesse país. É povo brasileiro. Só tem um povo. Pode ser preto, pode ser branco, pode ser japonês, pode ser descendente de índio. Mas tem que ser brasileiro”.

Diferente do que pode ser visto nos Estados Unidos, nos últimos dias após o assassinato de George Floyd, com brancos unindo-se aos negros na mesma luta, os brancos brasileiros criam barreiras tanto para aceitar a existência do racismo, quanto para se engajarem na luta contra ele.

Laianna Januário, ativista negra e mestrandia em comunicação na Universidade Federal da Paraíba, avalia que esse viés do não engajamento de

brancos nesta luta é estrutural.

“A raça foi uma invenção das pessoas brancas. Quando o processo de colonização aconteceu, essa racialização foi um motivo para criar toda a história de segregação e todo o discurso de que a pessoa tinha que trabalhar e que ela não era pura por conta do tom da sua pele. As pessoas brancas não se engajam muito na causa porque elas individualizam. Quando a gente fala de um problema da branquitude, estamos falando de um problema da categoria assim como o racismo. Poucos conseguem entender isso”, afirmou.

Gabriel Farias Pereira, cientista social, ativista do movimento negro e professor de capoeira em João Pessoa, conta como surgiu a construção em torno da etnia negra que terminou se consolidando de forma equivocada e precoce.

“Os sujeitos africanos trazidos à força para o Brasil não eram vistos pelo branco português como pessoa, eles eram vistos como coisas. O sujeito africano foi tornado a figura do mal. Foi a colonização que fixou a identidade negra associando a ela tudo que era contrário à figura branca. Se o branco era bom, o negro era mau. Se o branco era superior, o negro era naturalmente inferior”, afirmou Gabriel.

“Quando a colonização aconteceu, a racialização foi um motivo para criar toda a história de segregação e o discurso de que a pessoa não era pura por conta do tom da sua pele”



A ativista Laianna Januário fala sobre as consequências da segregação racial

“Foi a colonização que fixou a identidade negra associando a ela tudo que era contrário à figura branca. Se o branco era bom, o negro era mau”



Gabriel Farias, ativista do movimento negro: “africanos eram vistos como coisas”

O caso George Floyd e a luta antirracista no Brasil

Manifestações não tiveram início com assassinato de Floyd, mas trouxeram à tona com mais força a questão racial

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

O assassinato de George Floyd no dia 27 de maio pela abordagem imprudente de um policial branco desencadeou uma série de manifestações pela importância da vida negra em todo o mundo. O paraibano doutorando em história, Allan Kardec Pereira, pesquisa o movimento Black Lives Matter, de ativismo internacional, há quatro anos e ressalta que a explosão que vem trazendo a questão racial à tona em todo o mundo não surgiu após o assassinato de George Floyd e sim foi um motivo para a pauta entrar em vigência.

“Quando falamos no caso de George Floyd, nos Estados Unidos, esse não é um processo que surge do nada. Todos os anos há diversos protestos contra a

violência policial nos Estados Unidos e aqui no Brasil também. Esse caso tem muito a ver com todo esse contexto da covid-19 e de como nos Estados Unidos e aqui no Brasil, uma parte das vítimas eram pessoas negras e pobres. O George Floyd foi o estopim de algo muito maior que tinha a ver com a pandemia e com as condições precárias que os norte-americanos vivenciam no dia a dia que se tornou um fenômeno global. A gente vê que o caso motivou protestos na França, na Inglaterra, Austrália e chegando até aqui no Brasil. Toda essa questão tem a ver com esse racismo antinegro é um fenômeno global que está intrinsecamente ligado”, afirmou.

Tudo de acordo com Túlio Antunes – tem a ver com a questão do capitalismo porque a mão de obra negra e o racismo servem

como uma forma de sustentação do que é o capitalismo atual. Então é interessante a gente pensar isso, como o movimento central contra governos autoritários parte da crítica radical negra a pressupostos como a violência policial e desigualdades sociais que a população negra enfrenta. Esse é um movimento que veio para ficar e vai transformar o que nós entendemos da política nos dias atuais”, declarou.

O Brasil também registrou manifestações pela vida dos negros em meio ao período pandêmico após as manifestações desencadeadas pela morte de Floyd. A banquitude racista de ultradireita brasileira, no entanto, deslegitimou o movimento rotulando os negros brasileiros como passivos. Ainda de acordo com o historiador Túlio Antunes, esse posicionamento é re-

sultado de uma construção unitária em que a “consciência humana” apaga a luta antirracista.

“Nos Estados Unidos - e poderíamos pensar também na África do Sul - a invenção do estado nacional moderno atualizou o racismo colonial sob formas legais de diferenciação racial. Lá, houve um padrão evidentemente violento, conflitivo, segregacionista organizados em leis como as de “Jim Crow”. Compreender a raça - diferenciação biológica presumida em diferenças sociais, culturais, ancestrais, religiosas, grupais - nos EUA e aqui no Brasil é entender uma forma diferente de atualização do racismo no estado moderno. A luta antirracista nos EUA encontrou inimigos claros (leis de segregação racial) e tinham um objetivo também claro: direitos civis. Em paralelo



Allan Kardec pesquisa, há quatro anos, o movimento Black Lives Matter

com o Brasil, contudo, a luta antirracista não tinha inimigos e objetivos tão claros.

É como se os racistas dissessem: “está vindo, lá (EUA) existe racismo porque

existem leis racistas. Aqui não existem leis assim. Não somos racistas. Somos um povo único, todos iguais perante a lei. Como uma democracia racial”.

+ Repensar o racismo: o que foi construído precisa ser destruído

Foto: Arquivo Pessoal



“Não ser racista é insuficiente”, afirma o pesquisador Túlio Andrade sobre o assunto

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Apesar de toda a construção, este é o momento de trazer o debate para a pauta e fazer as pessoas repensarem os posicionamentos. Túlio Antunes conclui que “Depois de toda essa incursão, é preciso dizer: racismo é coisa de branco! E precisamos pensar mais sobre isso se quisermos avançar tanto na compreensão da estruturação do racismo como na luta antirracista”, falou.

Ele acrescenta que a racialização do povo negro, a diáspora, o extermínio, a eugenia, o estupro, a exploração da força de trabalho tudo foi obra de brancos. “É por isso que não ser racista é insuficiente, do ponto de vista de uma escolha individual em não aceitar a opressão à qual negros são submetidos no Brasil, porque todos estamos imersos no mar que é o racismo; ninguém escapa às estruturas racistas porque para existirem elas independem da vontade individual. Não compactuar com o racismo

é pouco, é preciso se reconhecer no racismo e atuar afim de pôr fim às estruturas racistas que organizam a sociedade. O racismo é estrutural. O racismo é regra, não exceção”, disse.

Balas perdidas têm alvo

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2019 apontam que 11 a cada 100 mortes decorrentes de intervenções policiais foram ocasionadas pela própria polícia. Em um montante de 6.220 vítimas, estima-se que 17 pessoas eram vitimadas por essa violência por dia. Destes números, 99,3% eram homens, 77,9% tinham entre 15 e 19 anos e 74,5% das vítimas alvos da polícia eram negros. O Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial, também resultado de pesquisas do Anuário, mostrou que a chance de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é, em média, 2,5 vezes superior à de um jovem branco.

O padrão de distribuição da letalidade policial aponta para a

expressiva sobre-representação de negros entre as vítimas. A violência letal, e não apenas a letalidade produzida pelas polícias, é historicamente marcada pela prevalência de negros entre as vítimas. Em estudo, os pesquisadores Cerqueira e Coelho (2017) mostram que indivíduos negros possuem 23,5% mais chances de serem vítimas de homicídio, aos 21 anos de idade, quando há o pico das chances de ser vítima de homicídio, indivíduos negros possuem 147% mais chances de serem assassinados do que brancos, amarelos e indígenas. Como o caso de João Pedro, de 14 anos, morto após uma interferência da polícia dentro de sua residência.

São, portanto, jovens negros, de sexo masculino, com escolaridade defasada, moradores de favelas e periferias urbanas alvos da seletividade racial e são um retrato do histórico de segregação e preconceito. É o que a cantora Elza Soares ilustra como sendo “carne mais barata do mercado” como um resquícios dessa sociedade hierarquizada e perpassada pela violência.

Fontes são um “mergulho” na história de João Pessoa

De arquitetura imponente, elas serviram à comunidade durante séculos e agora são patrimônio histórico da cidade

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Por muito tempo, as fontes foram a principal forma de abastecimento de João Pessoa. O seu valor histórico não vem apenas pela utilidade, mas também pela beleza e memórias que nelas carregam. A Fonte Tambiá, que existe desde 1776, de quando apresenta seus primeiros registros, e tombada desde a década de 1940 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan), vai receber uma restauração no segundo semestre deste ano. A obra, que terá aproximadamente seis meses de duração, tem um grande potencial arqueológico.

Não se sabe ao certo o que pode ser encontrado durante a restauração. Mas uma equipe de arqueólogos estará atenta para identificar artifícios históricos na fonte, que existe antes mesmo da colonização da cidade.

Uma lenda indígena narra que ela surgiu com as lágrimas de uma índia de coração partido. O casal de índios vivia uma paixão proibida, quando ele, um índio tambíá, morreu. As lágrimas de sua amada se transformaram então na fonte.

A arquiteta e urbanista do Iphan, responsável pela obra de restauração, Ana Luiza Schuster, explicou que a localização da fonte faz com que a obra vá muito além da restauração. “Tem um potencial arqueológico muito alto, porque aquela localização foi usada desde antes da fundação da cidade. Podem ser encontrados muitos artefatos, tanto de uso urbano e antes também. Ela é de grande circulação humana, conhecido tanto recentemente quanto há mais tempo”, disse.

A fonte existe antes mesmo de ser utilizada como uma forma de abastecimento para a cidade de João Pessoa. A partir da década de 1920, quando o Parque Arruda Câmara foi inaugurado, ela começou a ser a atração principal. De geração em geração, a maioria dos pessoenses tem uma boa lembrança do ambiente.

A arquiteta comentou que, ao colher depoimentos de pessoas de diversas idades que tiveram algum contato com a fonte, percebeu que ela fez parte das lembranças de várias gerações. “Com os relatos emocionados, mas bastante diferentes, de crianças que visitaram e lembram do macaco da lagoa quando a fonte estava ali; relatos de uma pessoa mais velha lembrando que era o lugar da paquera em outra geração. Há várias lembranças em pessoas de idades e gerações diversas”, disse.

A restauração não vai resgatar apenas a beleza da fonte, mas as boas lembranças dos pessoenses, além de possibilitar a construção de novas memórias para as futuras gerações. Ana Luiza ressaltou que isso apenas enfatiza ainda mais a importância de preservar patrimônios históricos. “É uma pequena amostra de que o patrimônio cultural é relevante. A partir dessa restauração, a fonte vai gerar um impacto muito grande. A fonte, como eu considero, é o coração do parque”.



Fotos: Marcos Russo

A Fonte de Tambiá passará por reformas, que devem durar cerca de seis meses. Do ponto de vista da arqueologia, há expectativas de que achados importantes possam vir à tona durante os trabalhos

Os detalhes da restauração

Atualmente, a Fonte Tambiá encontra-se interditada e, de certa forma, soterrada pelas camadas de terra levadas tanto pela chuva como por intervenções do parque. A interdição é para evitar acidentes, já que ocorreu um desabamento no local. “Ela está protegida nessa situação, sendo monitorada pelo Iphan e pela própria prefeitura”, explicou a arquiteta.

Durante a obra, será necessário realizar a restauração de toda a estrutura estética e funcional. As torneiras serão limpas, tratadas e recolocadas, fazendo com que a água volte a fluir e a fonte volte a ser utilizada no parque. Além disso, foram identificados oito olhos d’água, que serão captados através da reconstrução de uma caixa d’água.

O melhor direcionamento da água também vai possibilitar que o passeio até a fonte se torne mais acessível. “Vai haver um direcionamento dessas águas para evitar acúmulo nos passeios, por exemplo; todo o passeio vai ser refeito para permitir melhor acessibilidade. Além da fonte, todo o entorno vai ser tratado para reduzir os trabalhos de impermeabilização, vai haver uma substituição de pisos, com recuperação de vegetação arbustiva, arbórea e rasteira também para que ela seja mais visível e acessível para a sociedade”, explicou Ana Luiza.

A última restauração da Fonte Tambiá ocorreu na década de 1990, com uma espécie de remoção da pintura e ação de limpeza, no entanto, a restauração como será realizada no próximo semestre, será a primeira, segundo explicou a arquiteta que coordena o projeto.



A Fonte de Santo Antônio é localizada no Centro Cultural São Francisco, no Centro

SAIBA MAIS

■ Fonte de Santo Antônio

Ela foi construída em 1717 para prover água aos frades. Era um chafariz antigo que jorrava água da boca de um golfinho de pedra e localizava-se na Rua Gouveia Nóbrega. Além disso, a fonte tinha uma espécie de altar e um pequeno nicho, onde abrigava uma imagem de Santo Antônio, que deu nome à fonte.

■ Bica dos Milagres

Construída em 1849, a Bica dos Milagres foi chamada assim porque, quando era apenas um botão de água, acreditava-se que a sua água poderia curar. Ela abasteceu a cidade por muitos anos, mas em 1980 foi desativada. Atualmente, existe apenas uma pedra calcária na parte superior e o buraco onde ficavam instaladas as grandes torneiras de bronze. Desde a década de 1980, a bica acha-se desativada e pouco restou dessa fonte de água que durante muito tempo abasteceu a cidade.



Solânea: um passeio pela fé

Turismo religioso atrai visitantes que buscam conhecer mais sobre a obra do Padre Ibiapina

Fotos: Teresa Duarte

Teresa Duarte
Teresaduarte2@hotmail.com

O turismo religioso é, sem dúvida, o carro chefe do município de Solânea. Localizado na região do Brejo paraibano, onde o clima frio também é atrativo, o município situa-se a 130 km de João Pessoa e é lá que está instalado o Santuário Padre Ibiapina. O lugar, muito bem preservado, ainda mantém vivo o trabalho missionário do religioso, que pode ser visto em todo o complexo formado pela casa onde ele residiu, Casa dos Milagres, Igreja, Mausoléu, Museu, Casa de Caridade, fundada em 1866, refeitório e alojamentos coletivos, cujo espaço hoje é usado para retiros, encontros e seminários.

A beleza natural do lugar transmite paz aos turistas que ali procuram conhecer um pouco sobre o trabalho e a vida

do religioso. A área onde fica instalado o Santuário Padre Ibiapina foi doada pelo Major Antônio José da Cunha, na primeira metade do século XIX. As terras e a casa grande da fazenda Santa Fé foram repassadas para que o religioso fundasse um hospital de caridade em favor das vítimas da epidemia da cólera. Ele fez um grande complexo, que enche os olhos dos visitantes com uma bela arborização e o carinho com o qual o local é cuidado.

A Casa da Caridade é a principal obra do Padre Ibiapina. Ela permanece intacta no complexo do santuário, local de acolhimento das pequenas órfãs, meninas que recebiam uma educação completa, sendo preparadas para serem boas esposas e mães de família. A primeira casa foi fundada em 1865, sendo construídas ao todo, no Nordeste, 22 casas e, na Paraíba, dez. No Museu do Santuário, diversos pertences do religioso estão expostos. São livros, terços, vestimentas, baús e ainda instalada em uma parede a roda dos expostos ou roda dos enjeitados, onde se colocava a criança recém-nascida para ficar aos cuidados da instituição.

As crianças eram deixadas pelos pais que não podiam criá-las por alguma

razão ou por mães solteiras. A roda dos enjeitados era formada por uma caixa dupla de formato cilíndrico, e foi adaptada no muro das instituições caridosas. Com a janela aberta para o lado externo, um espaço dentro da caixa recebia a criança após rodar o cilindro para o interior dos muros, desaparecendo assim a criança aos olhos externos; dentro da edificação, a criança era acolhida, cuidada e criada até se fazer independente.

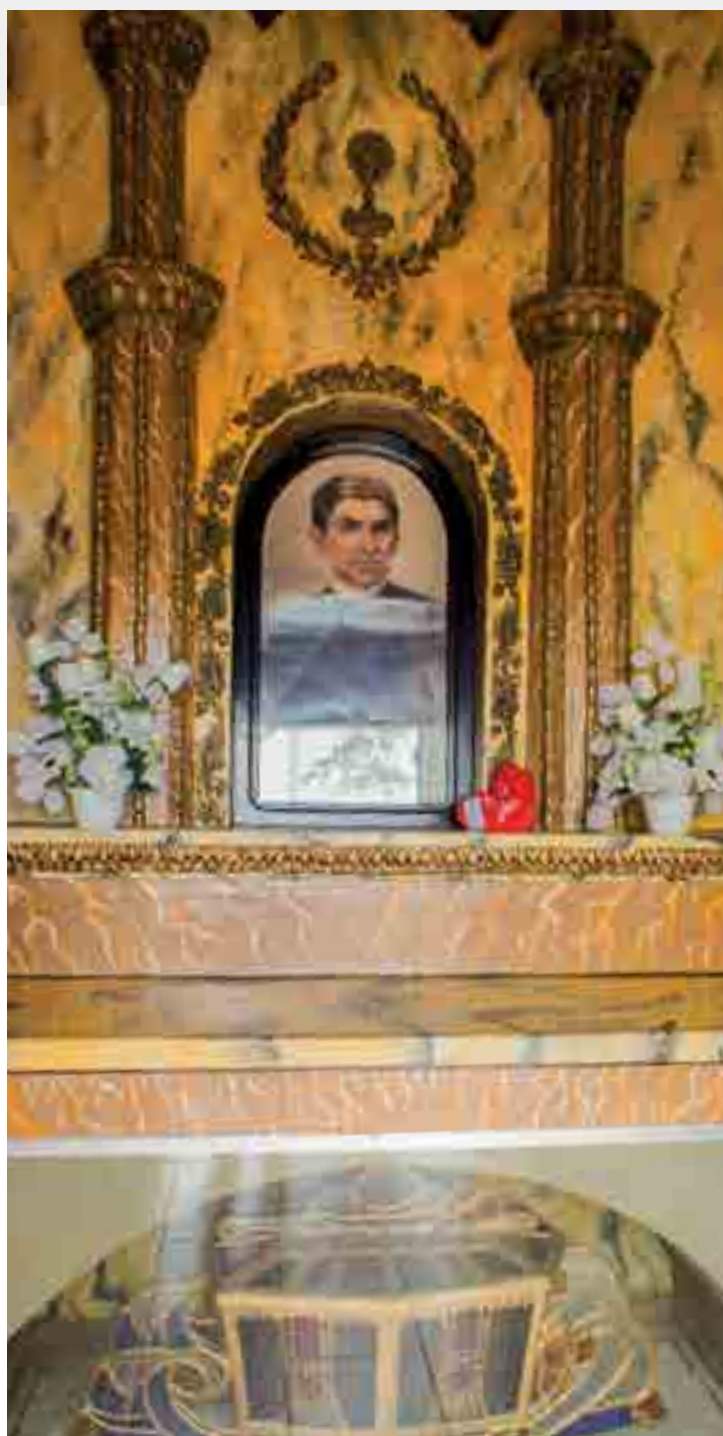
A casa onde o Padre Ibiapina residiu parece ser ainda habitada. No quarto, a cama ainda permanece; na cozinha, um pote grande para água potável ainda está lá; uma pequena mesa, canecas e outros utensílios domésticos proporcionam uma viagem ao tempo. Ao lado da casa do Padre, ficam a igreja e o mausoléu. É na frente da casa que fica um local para celebração pública de grande porte onde é rezada uma missa a cada dia 19 de cada mês, celebrações que reúnem milhares de

romeiros de diversos estados. Um pouco mais à frente, o cemitério onde as vítimas da epidemia da cólera eram sepultadas, e uma antiga casa de farinha.

O Santuário Padre Ibiapina fica localizado em Santa Fé, povoado que faz parte do município de Solânea e não de Arara como muitos pensam; os limites entre os municípios é o Rio Jacaré Amarelo.

Quem foi

O Padre Ibiapina, cujo nome é José Antônio Maria Ibiapina, nasceu no dia 5 de agosto de 1806, em Sobral, Ceará. Foi ordenado aos 47 anos e iniciou uma obra missionária pelo Nordeste. Construiu capelas, igrejas, cacimbas, poços, cemitérios, hospitais e chegou a fundar mais de vinte Casas de Caridade. Na época, o religioso foi a ponte entre a Igreja e o povo pobre do Nordeste, construindo uma obra significativa, partilhando água, alimento e abrigo com doentes, mendigos e retirantes, levando sempre uma palavra de conforto para aqueles que precisavam. Peregrinou por Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Paraíba, criando uma legião de seguidores. O Padre Ibiapina faleceu no dia 19 de janeiro de 1883, na Casa de Caridade Santa Sé, na Paraíba.



Pontos turísticos da cidade, como o museu, o mausoléu do padre e o local de celebrações ao ar livre emanam religiosidade e atraem visitantes de todo o país



“Vontade de viver sem chiar”

De SP, Assis Ângelo fala sobre projetos, como a adaptação para ópera de cordel de 'Os Lusíadas'

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

A princípio do que era de se esperar, o jornalista, pesquisador, radialista e escritor paraibano Assis Ângelo, que está radicado há 45 anos em São Paulo, ficou abalado quando, em 2013, perdeu totalmente a visão, em decorrência do descolamento da retina.

“Entrei numa encruzilhada quando perdi a luz dos meus olhos. Vou fazer o que agora? Fico vivo ou me mato. Morrer é natural, mas procurar a morte não é natural. Entrei num parafuso, algumas pessoas à minha volta me deixaram e fiquei só”, confessou. Mas houve a reação. “A cegueira não é o fim. Na arte, na literatura e na filosofia, reencontrei a vontade de viver sem chiar, como dizemos no Nordeste. Jamais lamentarei qualquer coisa na vida, que é uma graça e é uma dádiva. Tinha que ocupar o tempo e aí passei a ler muito e a ouvir”.

É assim o fez. Por conta do problema visão, passou a prestar por telefone informações aos interessados em saber sobre o acervo que tem no Instituto Memória Brasil, que criou em 2001, e no final do ano passado, concluiu o projeto de adaptar para ópera popular de cordel a obra épica *Os Lusíadas*, de Camões (1524-1580).

“Transformei *Os Lusíadas* em sextilhas, que tem mais de mil versos. O título é *A Fabulosa Viagem de Vasco da Gama no Mar - Adaptação Livre d'Os Lusíadas para Canto e Cordel*. É uma ópera popular que tem apresentação de Oliveira de Panelas e pretendo levar ao público, no teatro, em 2022, quando se completarão os 450 anos da publicação da obra, ocorrida em 1572. Camões morreu oito anos depois e pobre, mas deixou uma obra riquíssima. É a primeira adap-

tação de livro que fiz em minha vida. Acredito ser, no mundo inteiro, a primeira adaptação desse livro, em versos de sextilhas, feita por um cego”.

Ângelo já tinha lido a obra de Camões, mas, para realizar o projeto, ouviu em áudio o livro, entregue por uma de suas filhas, que o ajuda enviando títulos nesse formato. Além da encenação, ele antecipou que pretende publicar o cordel em formato de livro de arte luxuoso, com um disco de narração, interpretação e trilha sonora.

A partir do início da quarentena, Assis aproveitou o tempo para escrever quatro folhetos de cordel. O primeiro é *Covid-19: Piolho do Cremunhão faz o Mundo Todo Tremar*. “Creemunhão é o próprio demônio”, comentou Ângelo, que se inspirou na crise sanitária e na atual conjuntura política do Brasil para produzir os outros folhetos. *Repórter Entrevista Piolho do Cremunhão* foi o segundo título e, depois, veio o folheto *Serpente Quer por Ovo no Coração do Brasil*. “Faz referência ao filme sobre o nazismo *O Ovo da Serpente*, lançado em 1977, com a atriz Liv Ullmann no elenco. A serpente é alusão ao Bolsonaro. Ele está com o ovo no colo chocando. O ovo que é a ditadura, mas a sociedade organizada não vai deixar”.

O quarto cordel é *Jornalismo e Liberdade nos Tempos de Pandemia*, que tem 60 estrofes, e foi publicado na edição especial do *Jornalistas e Cia.*, em 1º deste mês, no Dia da Imprensa. Trata-se, segundo ele, do *newsletter* mais antigo do Brasil e para o qual colabora com a coluna semanal *Pérolas*. “O objetivo foi o de discutir o futuro da imprensa no Brasil depois da pandemia”.

Outro projeto tem a autoria de outros artistas, como Elba, Zé Ramalho e o ator Jack-



Feito em versos de sextilhas, 'A Fabulosa Viagem de Vasco da Gama no Mar', de Assis, tem apresentação de Oliveira de Panelas e será levada ao público em 2022, em virtude dos 450 anos da obra original

son Antunes: a gravação de um disco com 12 músicas do compositor Noel Rosa (1910-1937). “É um dos maiores letristas da MPB e que deu forma ao samba no Brasil”, definiu. “Foi o marco do samba e compôs cerca de 230 canções e tem uma obra fundamental. Quero pegar todos os meus cerca de 15 livros, quase todos esgotados, juntar todos numa coleção e distribuir nas bibliotecas do Brasil. Entre os títulos estão *A Presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo, O brasileiro Carlos Gomes*, além de *O Coronel e a Borboleta e Outras Histórias Nordestinas*.”

Quanto ao Instituto Memória Brasil, que funciona em seu próprio apartamento de 127 metros quadrados, Assis Ângelo também possui projeto para o acervo de cultura popular, que reúne mais de 150 mil itens, entre discos, livros, partituras, jornais e fotografias. “Não é um espaço apropriado. Quero que seja transformado num museu e vá para um lugar próprio, onde possa ser visitado por pesquisadores, estudantes e outras pessoas”.

Desde a cegueira, Assis não recebe mais visitas monitoradas, mas fornece informações por telefone aos interessados. “Lamento profundamente não poder mais atender, pois não tenho como puxar um disco, por exemplo, para orientar alguém”, observou o pesquisador, que conta com a ajuda de

dois universitários para escrever os seus textos.

Assis Ângelo deixou João Pessoa em agosto de 1976. A sua última visita ao Estado aconteceu em 2016, a convite do reitor Rangel Júnior, para participar como palestrante alguém”, observou o pesquisador, que conta com a ajuda de

fundação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). “A saudade é grande. Tenho muita vontade de voltar à Paraíba e estou aberto a convites de quaisquer instituições, pois estou louco para passar um pouco do que aprendi”, confessou ele, que também foi colonista em A União nos anos 1970.

Paraibano rememora a amizade com Luiz Gonzaga, o 'Rei do Baião'

Além dos discos do cantor e compositor pernambucano Luiz Gonzaga (1912-1989) que integram o acervo do Instituto Memória Brasil, Assis Ângelo possui muita admiração pelo 'Rei do Baião'. “Foi o cara que botou o Nordeste no mapa brasileiro”.

O jornalista e pesquisador paraibano lançou três livros sobre o Gonzagão, além de tê-lo entrevistado algumas vezes e ser considerado um dos maiores conhecedores da trajetória do artista. “É uma trilogia de livros que se completam e estão esgotados. O primeiro que publiquei foi *Eu Vou Contar Pra Vocês*, que é uma biografia sobre Luiz Gonzaga. O segundo foi *Dicionário Gonzaguiano de A a Z*, no qual reuni todas as suas 627 músicas, das quais 53 só com o nome dele, mais instrumentais, dos primeiros discos. E o terceiro foi *Lua Estrela Baião - A História de um Rei*, um romance infantojuvenil sobre a trajetória

artística de Gonzaga contada por uma avó, chamada Mariquinha, aos seus netos, quando diz que conheceu uma pessoa muito importante e passa a relatar isso para eles”, lembrou Assis Ângelo.

O paraibano recordou que fez pela primeira vez uma entrevista com Luiz Gonzaga em 1978. “Eu era repórter da *Folha de S.Paulo* quando soube que ele estava na cidade. Consegui ligar para ele e fiz a entrevista, publicada pelo jornal. A última vez que o entrevistei foi para a Rádio Jovem Pan, em 1989, uns três meses antes de ele morrer. Telefonei para ele no momento em que estava deixando sua casa, na cidade de Exu, para ir pagar uma promessa na cidade de Canindé, no Ceará. Ele parou para atender ao telefone e fiz a entrevista. Curioso é que, depois, ele gravou a música 'Estrada de Canindé', que compôs com Humberto Teixeira (1915-1979) e é muito bonita”, disse Ângelo.

INFORMAÇÕES COVID-19



SE ESSE VÍRUS CAIR EM UM LOCAL EXPOSTO À LUZ SOLAR (AO MEIO DIA) MORRE EM 2 OU 3 MINUTOS. EM TEMPO NUBLADO, UNS 15 MINUTOS.



SE ESSE VÍRUS SAIR DO DOENTE NUM LUGAR SEM LUZ SOLAR INCIDINDO DIRETAMENTE NELE, UM LOCAL SOMBREADO COMO DENTRO DE CASA OU DENTRO DE ALGUM VEÍCULO E O VÍRUS CAIR SOBRE PAPEL, MADEIRA, ROUPAS E CABELOS, ELE SOBREVIVE POR 6 HORAS.



SE O VÍRUS CAIR SOBRE SUPERFÍCIES LISAS, SOMBREADAS E FRIAS COMO VIDRO, MÁRMORES, AZULEJOS, METAIS LISOS, ELE SOBREVIVE POR 12 HORAS.



RETIRE A ROUPA QUE USOU E PENDURE NUM LOCAL DE POUCO MOVIMENTO E DEIXE A ROUPA LÁ POR NO MÍNIMO 8 HORAS. LEMBRE QUE SOBRE A ROUPA OS VÍRUS FICAM VIVOS POR 6 HORAS. VOCÊ PENDURA AS ROUPAS À NOITE E DE MANHÃ ELAS ESTARÃO MORTAS. ASSIM VOCÊ PODERÁ USAR A ROUPA NOVAMENTE. RECOMENDAMOS LAVAR!



HIGIENE CORRETA: AO USAR UM TRANSPORTE PÚBLICO, UBER OU ESTIVER TRABALHANDO, NÃO PASSAR OS DEDOS NOS OLHOS, BOCA E NEM NO NARIZ. AO CHEGAR EM CASA, NÃO TOCAR EM NADA E NEM EM NINGUÉM ANTES DE LAVAR AS MÃOS.

FONTE: UNIMED João Pessoa

Águas turbulentas da política

As constituições são pactos político-civilizatórios. Elas definem os princípios gerais básicos do funcionamento do Estado e as regras mínimas da disputa política. Entre eles estão os objetivos nacionais, a separação dos poderes, o tempo dos mandatos eletivos, o direito de propriedade, as garantias fundamentais, os processos eleitorais, sem os quais um povo se entregaria a uma luta fratricida pelo poder.

Esses acordos costumam ser cerzidos entre as elites que disputam o controle do Estado. Em alguns casos, elas pactuam com as forças políticas populares, incorporando parte de seus interesses em troca da pacificação social. Tal como aconteceu com a Constituição Brasileira de 1988, que contou com a participação de segmentos diferentes da sociedade civil na sua elaboração.

Em política nada é permanente. Os pactos podem ser desfeitos. É por isso que a democracia e suas instituições basilares precisam sempre de cuidados. Não há garantias, a priori, de que todos os pontos definidos no pacto serão respeitados. Poderia listar aqui um conjunto de direitos constitucionais que nunca foram de fato garantidos no país.

Nos últimos anos, o Brasil passou por um intenso processo de criminalização da política que produziu efeitos bastante negativos. As principais consequências foram o enfraquecimento de nossas instituições democráticas e dos partidos políticos; o que favoreceu a ascensão de líderes conservadores e o predomínio de pautas moralistas e autoritárias. O *impeachment* de Dilma Rousseff é uma página central nessa história, que não pode ser esquecida. Ele ocorreu mesmo sem a existência de provas cabais de que houve realmente um crime de responsabilidade. Para piorar, foram cometidas uma série de arbitrariedades pelo poder judiciário durante o processo, que teve no juiz Sérgio Moro e no procurador federal Deltan Dallagnol as figuras de "inquisidores medievais".

A operação Lava Jato trouxe mais problemas à democracia do que contribuições. Ela praticamente destruiu um dos setores mais importantes da economia brasileira, colocando nuvens pesadas sobre a imparcialidade de nosso sistema de justiça. O combate à corrupção é algo fundamental para qualquer democracia, mas não pode acontecer por meio do atropelo do processo legal. Inúmeras arbitrariedades, porém, foram cometidas;

como a forma inquisitorial de extrair as delações premiadas, a espetacularização dos julgamentos, os vazamentos, os grampos ilegais e a instrumentalização política.

As conversas no Telegram reveladas pelo excelente trabalho jornalístico do *Intercept*, envolvendo Moro e outros membros da operação Lava Jato, não deixam mais dúvidas sobre o jogo de cartas marcadas e as verdadeiras motivações por trás da operação. É bastante exemplar o fato de Moro ter assumido o cargo de Ministro da Justiça no governo de Jair Bolsonaro, após condenar Lula à prisão no processo kaffkaniano do triplex, impossibilitando que concorresse às eleições de 2018.

O que acontece hoje é o aprofundamento da crise democrática brasileira com a eleição de um candidato de extrema-direita a flertar insistentemente com uma ruptura institucional, o que acabaria de vez com o pacto constitucional. No primeiro plano da política nacional, creio, estamos presenciando uma luta entre frações da elite pelo controle do Estado. Um confronto entre a extrema-direita liberal e a direita liberal, que engloba setores como os conglomerados de mídia, bancos, capital industrial, poder judiciário, etc. A forma como Bolsonaro conduz o país no enfrentamento da pandemia aliada às ameaças reiteradas à ordem democrática, a maneira atabalhoada como toca a política externa, a pouca aprovação popular, e, sobretudo, a falta de perspectiva em relação à recuperação econômica, estão minando a sua governabilidade.

A esquerda apesar de não ter se colocado ainda no cerne desse conflito político, por sua organicidade com os movimentos sociais e incontestável capacidade eleitoral, desempenha um papel importante na disputa. Ela tem boa capacidade de mobilização, ao contrário da direita e do centro. Tudo indica que sem um forte movimento de rua é muito improvável a queda do governo Bolsonaro.

A criação de uma frente democrática ampla é vista, então, como uma saída. A grande questão é que não interessa ao centro-direita que essa frente seja liderada pelos partidos ou líderes de esquerda. E vice-versa. As correlações de força entre governo e oposição, como um futuro processo de *impeachment* de Bolsonaro, dependem hoje da articulação desses campos políticos historicamente inimigos.

Estética e Existência

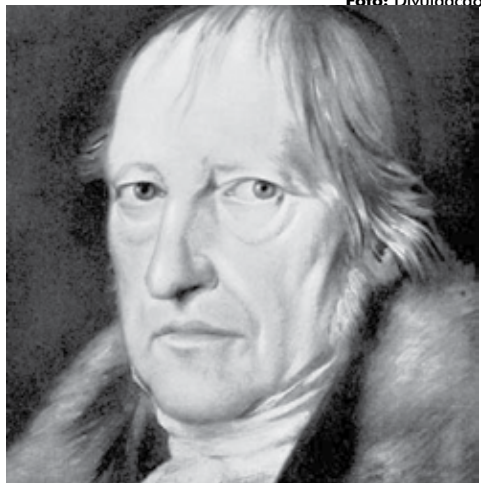
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A alienação do ódio e o bem comum

A alienação social é criada por hábitos políticos através de uma desumanização que gera todo tipo de injustiça. A alienação, alimentada pelo ódio, está cada vez mais incorporada na dinâmica existencial do cidadão, de forma obscura e ignorada. Diante de tanta violência, nos dias atuais, estamos assistindo o desaparecimento da humanização e a invisibilidade da dignidade do cidadão. A própria incapacidade de conquistar à liberdade proporcionou novas formas de violências e preconceitos para com os outros.

Os cidadãos, de forma cruel, sempre se adaptaram às condições de vida a fim de beneficiar-se às vantagens individuais, seja através da vaidade da posse material e da falsa ideia de Deus, e de forma alienada ao desprezo do que é útil e à vida. Diante disso, a vantagem econômica é a regra que conduz a vida individual, que é garantida por um Estado não democrático que surge de uma sociedade cruel que se volta contra ela de forma violenta, porque é sistemática e se blinda de uma legitimidade para satisfazer interesses de grupos privilegiados. A violência está incorporada à sociabilidade na forma invisível de comportar-se coercitivamente, seja através de uma ideologia eugenista, dos preconceitos e da miséria. O Estado democrático precisa manter a ordem para instaurar a unidade na diversidade. Um dos instrumentos é o bom planejamento para gerenciar – com harmonia – as complexidades das tensões políticas, sem esse planejamento seria impossível a paz social.

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), apresentou no seu livro *Princípios da Filosofia do Direito* (1821) a tese de que a vida social se caracteriza em sociedade civil e Estado. Isso representa o princípio da particularidade e da subjetividade, que fundamenta a existência social a partir dos interesses particulares dos cidadãos, de forma a constituir um sistema diferente do Estado. Nessa sociedade civil, se estabelece a atividade econômica e a reprodução social e a sua regulamentação jurídico-administrativa, na qual os indivíduos se distinguem em grupos. Nesse espaço se desenvolve a divisão social em Estados, ordens e grupos. Na sociedade civil de Hegel, a divisão é econômica social, na qual cada unidade



Filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831)

é funcional em relação às outras e ao conjunto, e considera-se que todas estão no mesmo plano. As diferenças sociais consistem na particularidade da atividade de cada um com respeito aos demais, e é na desigualdade das riquezas que surge o resultado da atividade social e a divisão econômica funcional.

Para Hegel, uma conquista da Revolução Francesa foi a extinção dos privilégios. Essa dignidade se manifesta na sociedade civil, e não no Estado. Nessa tese de Hegel, a causa da ação política é o dever, que se dirige ao universal, e não o interesse associado à posição social de cada um. Em Hegel, o dever substitui a honra como princípio do Estado moderno. No Estado de Hegel, os membros não atuam com privilégios, isso só ocorre na sociedade civil. No Estado hegeliano, os cidadãos agem a partir do dever, e esse dever o conduz uma vida universal e isso é a sua liberdade. Para Hegel, a liberdade consiste na obediência às Leis, e os cidadãos cumprem – de forma não alienada – o seu dever na coletividade. Nessa tese de Hegel, o Estado é o espaço da liberdade, porque o cidadão tem a consciência do próprio dever, também a obediência às Leis e ao bem coletivo. E a sociedade civil é o espaço da necessidade, e a sua finalidade é para a subsistência material e ao bem-estar dos cidadãos.

Hegel, no seu livro *Princípios da Filosofia do Direito* (1821), ele afirma: "... a divisão necessária dos poderes do Estado... se fosse considerada no seu significado verdadeiro, justamente, poderia ser considerada a garantia da liberdade

pública...; mas, como a entende o intelecto abstrato, nela vamos encontrar, em parte, a falsa determinação da autonomia absoluta dos poderes, um com relação ao outro, e era parte o caráter unilateral que implica a interpretação do seu relacionamento recíproco enquanto negativo, considerado como limitação mútua. Deste ponto de vista, o princípio (da divisão dos poderes) se transforma em hostilidade, medo diante de cada um dos poderes..., com a determinação de opor-se a eles e de realizar, com este contrapeso, um equilíbrio geral, mas não uma unidade viva".

Hegel intensifica a importância da unidade do Estado. Vejamos esse seu pensamento: "Com a autonomia dos poderes... surge de imediato, como se viu largamente, a destruição do Estado, ou, quando este se conserva essencialmente, a luta pela qual um poder submete outro – ela produz em primeiro lugar a unidade, ainda que receba outro nome, e salva, assim, só o que é essencial: a existência do Estado".

Para finalizar esse texto, diante da sociedade do ódio, trago esse poema de Bertold Brecht:

Até quando o mundo será governado pelos tiranos?

Até quando nos oprimirão com suas mãos cobertas de sangue?

Até quando se lançarão povos contra povos numa terrível matança?

Até quando haveremos de suportá-los?

Na extensão dessa coluna, sintase convidado para a audição do 271 Domingo Sinfônico, deste dia 14, das 22h até às 0h. Busque no Google radiotabajara.pb.gov.br ou sintonize FM 105.5. Nesta edição, vamos conhecer o pianista e regente italiano Cláudio Abbado (1933-2014). Abbado criava uma espontaneidade com a Orquestra. E conhecia a peça a partir do contexto histórico e da vida do compositor. Isto lhe permitiu compreender o pensamento musical do compositor. Ele massificou a música erudita em todas classes sociais e contribuiu para unificar o continente europeu. Vamos conhecer uma peça descritiva do Barroco Italiano, na qual se buscava – a partir do tomismo – uma unicidade entre Deus, o homem e natureza.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

No barco com Caymmi

Eu só gosto de dois livros de Jorge Amado: *Mar Morto* (1936), que traz a vida dos marinheiros no cais de Salvador, sob a luz de lemanjá, um romance lírico e trágico, sobre a luta diária desses trabalhadores pela sobrevivência. Sim, a sobrevivência, é por ela que lutamos, pelo pão, o milagre, os peixes e um canto pra dormir. O outro, é *Capitães de Areia* (1937). Esse mostra o movimento dos jovens Pedro Bala, Professor, Gato, Sem Pernas e Boa Vida, adolescentes abandonados por suas famílias, que crescem nas ruas de Salvador e vivem em comunidades pobres. Ali eles são os capitães e têm seus primeiros mênstruos. Nessa história, a vida não tem porta ou a porta é o mar. "É doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar, é doce morrer no mar".

Depois de anos, voltei a ler *Mar Morto*. Por isso pulso, porque meu mar não está morto. De repente, fui vendo dentro do texto, frases que Caymmi encaixou em sua canção, "É doce morrer no mar" e teve a ideia de construir e música e colocar Jorge Amado como parceiro. A vida é uma parceria, senão, uma traição.

A música de Caymmi é tão bonita...

Por meio da leitura de *Mar Morto*, vejo e escuto os trechos da canção de Caymmi que são repetidamente cantados pelos marinheiros no cais. É lindo! Em "Canoeiro", ele canta: "Cerca o peixe, bate o remo, puxa corda, colhe a rede, ô canoeiro, puxa rede do mar".

Salve Caymmi que tem a voz dos anjos, um poema recitado por mim. Salve lemanjá, dona do mar e dos saveiros...

Ouvindo a canção, me veio à lembrança de um poema de Casimiro de Abreu, que decorei quando tinha uns dez anos no começo da década de 1960. Era assim: "Eu me lembro, eu me lembro era pequeno, e brincava de sonhar ter nascido no mar, e erguendo o dorso alto sacudia, a branca espuma para o céu sereno".

Eu disse isso a meu pai uma vez e, naquele momento, "que entra a orquestra, que furor insano, que pode haver maior que o oceano, ou que seja mais forte que o vento?". Meu pai sorriu e olhou pro céu, e disse: "Um ser que nós não vemos, é maior do que o mar que nós tememos, mais forte que o tufão, meu filho, é Deus."

Enquanto isso, as perversões musicais, os lixos sonoros, a podridão da mídia fonográfica ostenta sua milionária explosão de ouvintes perdidos.

Eu gosto da música Caymmi, que me leva para o mar como da primeira vez. Já esqueci esse ano em que nos descruzamos. Caymmi canta ao declamar suas canções e eu pensando em Camões, que tinha graça em quase tudo.

Lembrei-me disso agora porque imbecis estão presos em suas casas, cagados de medo, ignorantes que destilam ódio e parecem que não são da cidade que brilha nas águas do mar do Cabo Branco.

A gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar, mas existe a força que mora n'água e eu estou lá no barco de Caymmi. Salve, lânsa! Oxum e Caymmi sem fim.

Kapetadas

1 - Vida voltando ao normal, sem desdém às vidas, sem politização de vírus. Nova Zelândia com zero casos de covid. Temos muito o que aprender;

2 - Tô com vontade daquilo que começa com "S", sair por aí;

3 - Som na caixa: "Oh vento que faz cantiga nas folhas, no alto dos coqueirais oh vento que ondula as águas, eu nunca tive saudade igual", Caymmi.



Escritor Jorge Amado (E) ao lado do músico Dorival Caymmi (D)

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinematoteca ameaçada em atitude autocrática

A Cinematoteca Brasileira de São Paulo, que, por si só, já representa um dos maiores patrimônios culturais e artísticos do Brasil, encontra-se agora ameaçada. Ela alberga acervo respeitável da nossa memória cinematográfica.

Fundada nos anos 1940 pelo filósofo, escritor e crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes, quando de sua volta da França, onde viveu uma série de experiências no Museu do Homem de Paris, inclusive, com outro brasileiro ilustre, o economista Celso Furtado.

Antes mesmo de sua criação, oriunda de um simples Clube de Cinema na Capital paulista, que sofreu o estigma da intolerância durante o período do Estado Novo, com o seu fechamento pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do governo de Getúlio Vargas, a Cinematoteca Brasileira vem nos últimos tempos sofrendo problemas na guarda do seu rico acervo.

Como se não bastasse a sua situação atual, reclamada pelos que, às duras penas, conseguem administrar-lhe os bens, o Governo Federal ameaça não só a sua integridade física, patrimônio arquitetônico de valor, mas o seu acervo. E o mais cruel ainda, segundo denúncias pela imprensa, a partir de recentes protestos na capital paulista e de outros meios cinematográficos por todo o país, é a sua vinculação a órgãos de maior alcance e controle pela Presidência da República. Uma medida autocrática, odiosa, que bem reflete o regime do atual governo.

Depois de militarizar a Cultura com indicações erradas, impondo uma



Foto: Divulgação

Cinematoteca Brasileira de São Paulo, fundada nos anos 1940 pelo crítico de cinema Paulo Emílio Sales Gomes

censura direta, escancarada, às obras filmicas e sua circulação em festivais e salas de exposições, como foi o caso de *Chico: Um artista brasileiro*, sobre o compositor Chico Buarque, sendo vetado pela Embaixada Brasileira no Uruguai de participar de um festival de cinema naquele país, veio o caso de *Marighella*, filme de Wagner Moura, também impedido de sua exibição no mercado nacional.

Como se não bastasse, outro beateiro foi a indicação de uma atriz de TV ultrapassada para a Secretaria de Cultura, sem a menor identificação com os atuais problemas do setor, menos ainda, com a classe cultural brasileira, sendo por isso mesmo logo em seguida exonerada, mas com promessa de seu patrono em "aproveitá-la" noutro setor, que seria a Cinematoteca Brasileira. E veja no

que está dando o recente caso daquela importante instituição...

No início de novembro do ano passado, por conta dessa intervenção do governo na cultura cinematográfica, sob a presidência da ministra Cármen Lúcia, com a presença da ministra do STF Rosa Weber, cada representante do audiovisual ali presente fez o seu protesto. Naquela ocasião, discutiu-se a "Liberdade de expressão, artística, cultural e de comunicação", manifesto que foi entregue ao Supremo.

Agora, essa atitude mais uma vez revanchista do governo atual contra um patrimônio nacional emblemático, que é a Cinematoteca Brasileira, merece uma firme reação não só da classe cinematográfica, mas do povo brasileiro. - Mais "coisas de cinema", acesse www.alexantos.com.br.



APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema - Cadeira 19, Patrono: Damásio Franca (Ocupante: Arion Farias) - Damásio sempre foi considerado um dos mais entusiastas pela Sétima Arte. Tanto que realizou alguns curtas em Super-8, sobre João Pessoa, cidade que administrou por cinco períodos. Durante anos foi presidente do Foto Clube da Paraíba. Ganhará biografia, em um projeto de resgate documental que sua família vem defendendo, a começar pela implantação de um memorial e lançamento de uma página na internet nas comemorações dos 100 anos de seu nascimento. Tinha ampla visão humanista no trato das necessidades dos seus moradores.

'Meu Espaço'

Projeto é encerrado neste domingo

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Hoje acontece a última transmissão do 'Meu Espaço'. A iniciativa realizada como medida emergencial de apoio para os artistas paraibanos, contemplou 105 apresentações em diversas áreas: contação de histórias, circo, teatro, dança, literatura, histórias em quadrinhos, música, cultura popular, artes visuais, poesia falada e cinema. Lançado no dia 31 de março, o edital teve duração de seis semanas nas segundas, quartas, sextas e domingos, a partir das 17h, com cerca de duas horas de apresentação, com formato de vídeos gravados.

Para finalizar, haverá a oficina *Ballet para Todos*, com Eduardo Cezário, a contação de histórias *Quem conta um conto se diverte um tanto*, com Flávio Lira, *Acrobacia de Solo*, com Caio Fernandes, e o musical *Ouroboros*, com Zebb.

A presidente da Funesc, Nézia Gomes, afirma que a equipe envolvida está bastante contente com a realização do projeto. "Foi um desafio elaborar o edital, abrir inscrições, realizar a curadoria e exibição de maneira tão rápida. Mas foi satisfatório oferecer esse recurso com o qual os artistas puderam contar durante este período de isolamento social".

Sobre o retorno do público, Nézia aponta a importância desse tipo de projeto enquanto possibilidade de entretenimento. "Movimenta uma cadeia econômica, no caso dos artistas, e movi-



Foto: Karla Paiva/Divulgação

'Ballet para Todos', ministrada por Eduardo Cezário, será a última oficina da programação

menta a internet com uma programação de qualidade para a população".

O canal do Youtube, como destaca a gestora, ultrapassou os 2 mil inscritos que acompanham as exposições e alcançou mais de 35 mil visualizações. "A gente percebeu que, durante as estreias, as pessoas interagiam com os artistas no espaço do chat. Isso foi muito importante enquanto espaço de aproximação".

Nézia Gomes afirma ainda que a prioridade, agora, é de realizar um levantamento, avaliação e fechamento do que foi alcançado com a iniciativa e de estudar próximos projetos, mas reforça a importância do 'Meu Espaço', inclusive como possibilidade metodológica de ensino nas escolas. "Alguns vídeo de

formação foram utilizados. Este é o momento em que vamos apanhar todos esses dados para estabelecer os próximos passos", finaliza.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funesc

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Wellington em Paris

Imagino Wellington Pereira em Paris!

Como terá se saído em meio à mescla cultural e boêmia da capital do mundo? Mesmo sem ser dado à volúpia do vinho, como este seu velho amigo que à terra de Baudelaire preferiu Sertânia, penso que bebericou o manjar dos deuses aqui e ali nos bares e cafés do Quartier Latin e das ruas enlaidreadas de Montmartre.

Lúcio Lins era de opinião que Wellington Pereira não atravessava, sozinho, a Mãozoar. José Edilson de Amorim não sabia como Wellington Pereira cultivava o perfume das palavras nem o trágico sabor dos enredos femininos. Jomard Muniz de Britto ficava escandalizado diante de sua indiferença para com a esgrima tresloucada que ele, Jomard, encenava no palco das linguagens. Carlos Tavares o admirava a distância, embriagado na fúria e na febre dos afetos inomináveis.

Eu, por mim, só digo que sempre estive com ele, na literatura e na vida. Aqui, em Sumé, na Comarca, na Serra ou em Paris. Embora saibamos, e faz tempo, que a vida pode estar em outro lugar.

Mas, principalmente estive com ele na teologia das palavras e na geografia da leitura, como penitentes que sofrem pela ilusória divindade dos saberes e pela convicção socrática de que o conhecimento não é mesmo propriedade privada de ninguém. Claro, existem os tolos que acreditam que sabem todas as coisas. Ora, não resisto, aqui, em citar Clarice: "Toda sabedoria é limitada; infinita mesma é a ignorância".

Digo isto porque sei que Wellington Pereira concorda com a autora de *Perto do coração selvagem*. Digo isto porque Wellington Pereira morou, uma época, em Paris, e morar em Paris certamente não é uma festa!

Sim: imagino Wellington Pereira em Paris!

Sei que comprou muitos livros aos buquinistas às margens do Sena e que perambulou, com sua companheira Lourdinha, pelas vielas e pontes da Ilha de Cité. Vezes, nesses passeios, deixava-se acompanhar pela eloquência fluida e etélica de Cláudio Cardoso de Paiva e pelo fermento inesgotável da inteligência de Juremir Machado da Silva.

Michel Maffesoli e Goerge Simmel lhe abriram as veredas do cotidiano enquanto categoria epistemológica, e disto tirou proveito como poucos, refinando, em discernimento crítico e em profundidade analítica, as salas de aula do antigo Departamento de Comunicação (Decom). Seus livros, seus seminários, seus alunos resistem como vestígios iluminados de práticas pedagógicas que são também práticas afetivas.

Meio armador do glorioso Sagarana Futebol Clube, medido e delicado no trato da bola assim como delicado e medido no trato das palavras, aprendeu a amar o Paris Saint German, a cantarolar a 'Marselhesa', a apreciar o pensamento de Sartre e Camus, a prosear com Edgar Morin, falando das implicações do método e das férteis ramificações da complexidade. Umberto Eco chegou a ver e ouvir, bem de perto, no Collège de France, dissertando sobre a beleza na estética medieval. Que prazer! Que privilégio! Que alumbramento!

Penso, hoje, em Wellington Pereira em Paris!

Experiências vivas, vívidas, corpóreas, reais. Seus filamentos perceptivos insemnam o corpo teórico de seus ensaios, nos quais a sociologia e a comunicação se abraçam na fraternidade do diálogo científico, e a poesia, que captou nessas paragens mágicas da existência, ora um pedaço de crepúsculo se deitando avermelhado sobre o Sena, ora os sinos jorrando do passado nas torres da Notre Dame, pulsa nas tramas insólitas de seus percursos ficcionais.

Mas Wellington voltou de Paris. Voltou o mesmo, mas voltou mudado ("A vida é toda feita de mudanças", diz o poeta) e mais maduro diante das solertes surpresas da vida.

Hoje, fico pensando: Será que Wellington Pereira vai voltar a Paris? Não sei. Não importa. O que sei e o que importa é que nenhuma cidade é maior ou melhor que uma pessoa. Se Wellington Pereira não tem mais Paris, tem, como Dante, uma Beatriz!

Atleta paraibano ainda faz história no atletismo

Basílio Emídio brilhou nas pistas nacionais e internacionais e hoje gerencia carreira de nomes como Petrúcio Ferreira

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

No fim dos anos 1990 surgiu em João Pessoa um genuíno talento da velocidade. Saindo dos gramados para a pista de atletismo da Universidade Federal da Paraíba, não demoraria para Basílio Emídio de Moraes ganhar o Brasil e o mundo e se tornar uma dos principais atletas brasileiros de sua geração. Um nome que, mesmo após sua aposentadoria em 2016, segue sendo um representante importante do talento esportivo paraibano e parte fundamental do desenvolvimento dos talentos dentro e fora do Estado.

Mesmo morando fora da Paraíba no final do século passado, Basílio nunca deixou de alimentar seus laços com o Estado. Como muitos atletas e expoentes paraibanos, ele precisou, em busca de melhores condições de trabalho e visibilidade, deixar sua casa para para treinar e competir no eixo Rio-São Paulo. Lá, como poucos, brilhou, conquistando recordes e títulos nacionais, como o ouro no revezamento 4x100 nos Jogos Pan-Americanos de 2007 e o quarto lugar no Mundial de Osaka, no Japão, naquele mesmo ano, entre outros títulos, marcas e resultados importantes em nível nacional e internacional.

Hoje, fora das pistas, ele segue trabalhando com o atletismo, atuando no gerenciamento de carreiras e contribuindo para que novos e já consolidados talentos, possam ter a oportunidade de crescer no esporte, inclusive, sem precisar sair de sua terra natal, como é o caso do paratleta mais rápido do planeta, Pe-

trúcio Ferreira e do também velocista e medalha de prata no mundial de paratletismo, Joeferson Marinho. Velocistas paraibanos que confiam o gerenciamento de suas carreiras à Basílio e, hoje, representam a Paraíba no mundo inteiro, assim como ele fez anos atrás, tendo também como ponto de partida a UFPB e o comando de Pedrinho Almeida.

Foi através do professor Pedrinho e na UFPB que o talento de Basílio foi descoberto aos 14 anos, em 1996. Nessa época, ela jogava futebol em um projeto que havia na universidade e era coordenado pelo Professor Ferreira - figura conhecida das categorias de base do futebol paraibano -. Foi nos treinos de futebol que Pedrinho observou naquele jogador o potencial para o atletismo. Convidado para fazer testes para um novo esporte, Basílio negou a ideia no começo e foi, só depois de muita insistência de Pedrinho, e da ajuda dos seus irmãos, Raniere Gomes de Moraes e Angélica Moraes - que já haviam sido atletas do treinador de atletismo na década de 1980 - que resolveu atender o chamado e conhecer a nova modalidade que, em pouco tempo, viraria a sua paixão.

"Resolvi aceitar o convite e no começo eu dividia os treinamentos entre o futebol e o atletismo. Conforme comecei a me destacar fui tomando gosto até que me percebi apaixonado por aquele esporte. Larguei a bola e comecei a me dedicar 100% às pistas. Em seguida veio a projeção nacional e internacional, especialmente a partir dos Jogos da Juventude - Basílio foi campeão e bateu o recorde dos 100m na edição

de 1998, quando tinha 16 anos -. Hoje, posso afirmar que tudo que sou devo ao atletismo e tenho a honra de ter tido uma carreira de muito êxito e poder seguir vivendo no meio do esporte", afirmou.

Conforme foi crescendo no esporte e melhorando suas marcas, Basílio entrou no radar de vários clubes do país e sem condições ideais para se manter treinando e vivendo na Paraíba, aceitou, em 2000, o convite para ir treinar no Vasco da Gama e morar no Rio de Janeiro, onde passou quatro anos. Em 2004, mudou-se para São Paulo, lá treinou em equipes e pela Seleção Brasileira de atletismo até 2016, ano em se aposentou, conquistando o segundo lugar no Campeonato Brasileiro no revezamento 4x100 pela Orcampi/Unimed de Campinas-SP. Contudo, mesmo fora do Estado nas últimas duas décadas, nunca esqueceu a Paraíba, lugar no qual credita o sucesso de sua carreira.

"A minha base, o começo de tudo, foi na minha fase escolar e representando a Paraíba. Mesmo quando fui morar no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, nunca esqueci das minhas raízes e essa terra eu vou carregar no meu coração para sempre. Na minha vida, uma das maiores alegrias foi, depois de conquistar o ouro no Pan-Americano, participar de um desfile no carro do corpo de bombeiros em João Pessoa. Nesse dia, eu pude receber muito calor do povo da minha terra como prêmio por tanto esforço e um trabalho bem feito. São lembranças boas que carrego comigo e que até hoje me trazem alegria e orgulho por ser paraibano", lembrou.

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Tudo começou na pista da UFPB com o professor Pedrinho Almeida, o maior incentivador no seu início de carreira



O sucesso de Petrúcio Ferreira também tem a participação de Basílio, que gerencia a carreira do atleta

+ Gratidão aos antigos treinadores

Além da memória afetiva e das relações fortes com sua terra natal até hoje, Basílio também conserva um carinho especial, gratidão e amizade com seus treinadores do passado, especialmente o primeiro deles, o responsável por sua descoberta para o atletismo.

"Para chegar onde cheguei, pude contar com muita ajuda no meu caminho, especialmente de três pessoas. Na conquista do Pan-Americano não posso deixar de lembrar do meu treinador Katsuhico Nakaya. Já na minha ida para São Paulo, no momento mais difícil da minha carreira, foi o Daniel Gonçalves - atualmente coordenador científico do futebol do Palmeiras - que me acolheu na casa dos pais dele, foi lá onde residi por um ano. O terceiro nome é com quem tudo começou. Pedrinho entrou na minha vida antes mesmo de eu pensar no atletismo. No início da década de 1980 treinou meus irmãos e, desde aquela época, passei a ter nele uma referência, mesmo eu não entendendo ainda o que ele significava. Hoje eu digo, para onde vou, que ele, além de ter sido meu técnico é, até hoje, o meu educador e um segundo pai", afirmou.

Para Basílio, a relação com o treinador é tão forte que o destino colocou eles juntos no momento mais importante da sua carreira, a

final do Pan-Americano de 2007 e um olhar bastou para marcar um momento emocionante e cômico na história dos dois.

"Eu sempre fui o terceiro homem nos revezamentos da seleção, fazendo justamente o trecho da curva. Quando eu entrei na final do revezamento do Pan, estava caindo um verdadeiro temporal, o estádio estava lotado e a torcida fazia muito barulho, mas aí quando olho para o lado, vejo que o árbitro responsável pelo meu setor era o Pedrinho. Nos olhamos e eu percebi que ele estava emocionado e antes de fazer minha marca isso me contagiou, pois eu estava tendo a oportunidade de ser campeão e ter o meu primeiro treinador vendo aquilo se concretizar em um ouro inédito para o Brasil. Quando a prova acabou, não me contive e voltei para tentar abraçá-lo, mas como árbitro, ele não podia se manifestar e ficou todo desconcertado. Na hora, ninguém em volta entendeu o que estava acontecendo e isso até hoje é motivo de risadas entre nós", lembrou em tom de brincadeira.

Mesmo longe e fora das pistas, Basílio segue representando seu Estado. Agora, mais do que resultados e marcas pessoais, ele corre por sonhos coletivos, por outros atletas, pela Paraíba, sua terra, seu lugar.



Terras que se tornaram improdutivas graças a fatores climáticos e ações predatórias do homem poderiam produzir 20 milhões de toneladas de grãos anualmente. O problema já afeta mais de um bilhão de pessoas no mundo

Desertificação: ameaça real à sobrevivência no planeta

Manejo não sustentável do solo e uso predatório dos recursos naturais esgotam capacidade produtiva da terra

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Em 2050, estima-se que deverão existir 9,6 bilhões de habitantes na Terra. Para garantir alimento, água doce, biocombustível e atender outras necessidades dessa população, a Organização das Nações Unidas (ONU) prevê que todo ano será necessário buscar três milhões de novas áreas agrícolas, porque as terras atuais estão se tornando inférteis. Isso porque, o manejo não sustentável do solo, a forma predatória de uso dos recursos naturais aliados às variações climáticas (comuns em regiões de clima seco) resultam no fenômeno que já

é considerado por ambientalistas como o maior problema econômico, social e ambiental de várias regiões do planeta: a desertificação.

Desde a década de 1970, a comunidade internacional já alertava para o problema da infertilidade do solo, identificada inicialmente na África e, posteriormente, constatada nos demais continentes do mundo, com exceção da Antártica. Após várias discussões, conferências e convenções mundiais so-

O processo de empobrecimento do solo atinge, de forma grave, cerca de 10% da região do Semiárido brasileiro, apontam pesquisas

bre o assunto, em 1994 foi instituído o Dia Mundial de Combate à Desertificação e à Seca, celebrado anualmente em 17 de junho, na próxima quarta-feira.

A data reforça a necessidade de se repensar as formas como o homem vem explorando o meio ambiente, ameaçando a sobrevivência de pessoas, animais e plantas. Segundo o Ministério do Meio Ambiente, a desertificação atinge, de forma grave, cerca de 10% da região semiárida brasileira, incluindo os nove es-

tados do Nordeste e o norte de Minas Gerais. Os dados, de 2003, estimavam que as perdas econômicas com este processo chegam a 300 bilhões de dólares por ano. Os custos para a recuperação das áreas mais afetadas devem alcançar 2 bilhões de dólares até 2023.

Segundo o professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bartolomeu Israel de Souza, é possível que esse processo esteja avançando em várias partes do mundo. “Entretanto, até o momento, não existe um acompanhamento sistemático que venha comprovar essa possibilidade, através de mapeamentos que envolvam

SAIBA MAIS

■ Dados da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgados na Revista Planeta, apontaram, em 2010, que a degradação do solo afetava 3,6 bilhões de hectares no mundo, somando 25% da massa terrestre. A terra perdida anualmente poderia produzir 20 milhões de toneladas de grãos. O processo já era uma ameaça à subsistência de mais de um bilhão de pessoas, em cerca de 110 países.

longas séries temporais, nos quais seria possível identificar a evolução da desertificação”, afirmou Souza, que tem pós-doutorado em Biogeografia pela Universidad de Sevilla (Espanha).

Ele afirma que ações como o desmatamento, a presença de processos erosivos e o uso cada vez maior de recur-

sos hídricos estão presentes nas zonas secas em todo o mundo. Essa prática de uso não sustentável dos recursos naturais impacta negativamente nas zonas secas, que apresentam dinâmica climática complexa, não totalmente compreendida pelos estudiosos. O resultado, é o favorecimento da desertificação.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Evitemos vagabundos, imbecis e velhacos

Um dia, um escritor, um intelectual muito importante e generoso com sua pátria, disse que o Brasil é infecto.

Enquanto continuam os repetidos, repetitivos, repetentes (repelentes, alguns) conflitos por causa dos pedidos de “impeachment” (quatro deles não foram arquivados) do presidente Jair Bolsonaro, descobri-me saudosos de quando um ou outro me chamava de “paraíba”, na época em que, jovem, morei no Rio de Janeiro.

Sempre recebi “paraíba” como tratamento afetivo, legal, respeitoso, carinhoso, no meu trabalho (primeiro no Banco Nacional da Habitação, depois na TV Tupi). Também em lugares que costumava frequentar na cariocália também desvairada. Adorava quando encontrava o crítico Wilson Cunha no bar-terraço do Cine Paissandu e ele apertava minha mão perguntando: “e aí, paraíba?”. Era bacana.

Acho até que a PBTur e a Secretaria de Comunicação do Estado poderiam lançar uma campanha nacional, em “out-doors”, clipes, folhetos, etc., com a frase “Ah, tô Paraíba!”.

Alô, alô, Nonato Bandeira, isso po-

deria soar tão forte quanto aquela frase do final dos anos 90: “Ah, eu tô maluco”. Imaginemos, claro, que numa estrutura de som, gráfica e imagem (conforme sejam os veículos), possibilitando a transmissão de aspectos positivos, do ponto de vista de propaganda institucional.

Voltando ao escrito no primeiro parágrafo da coluna deste domingo: mas, quem foi que disse que o Brasil é infecto?

Rigorosamente, no “Aurélio”, que continuo preferindo ao “Houaiss” e ao “Bechara”, infecto é “o que tem infecção, que lança mau cheiro, mefítico, pestilento, muito ruim, muito ordinário, reles, repugnante quanto à moral”.

Convenhamos que foi bastante forte a porrada de quem afirmou que o Brasil é infecto.

Pegou pesado. Isso, até reafirmando-se internacionalmente o fato de que ainda somos e estamos como o Brasil. Não fomos recolonizados.

Quando vejo um filme nórdico (em DVD, pois o Blu-ray não entrou aqui em casa), a exemplo de “Todas as coisas são belas”, de Bo Wideberg, entro em conflito a respeito de

que todos somos o Brasil. Seremos todos?

O cidadão que disse que o Brasil é infecto foi por aqui: “Pessoalmente, acho lastimável essa história de nascer entre paisagens inculcas e sob céus pouco civilizados (...) Detesto o Brasil como a um ambiente nocivo à expansão do meu espírito. Sou hereditariamente europeu, ou antes francês. Agora, como acho indecente continuar a ser francês no Brasil, tenho que renunciar à única tradição verdadeiramente respeitável para mim, a tradição francesa. Tenho que resignar-me a ser indígena entre os indígenas, sem ilusões. Enorme sacrifício”.

O mesmo cidadão que disse ser infecto o Brasil, considerou que nossos políticos “são muito vagabundos e razoavelmente imbecis ou velhacos”.

Já faz tempo. Quando Carlos Drummond de Andrade (**foto**) afirmou que o Brasil é infecto, corriam os dias de novembro de 1924. Completar-se-ão 96 anos! Foi em carta que ele mandou a Mário de Andrade,

outro dos gênios pátrios.

Ninguém crucificaria Drummond por considerações intelectuais, por mais injustas e passageiras que fossem. Ele não seria “persona non grata” por decisão da Assembléia Legislativa de Minas Gerais nem o Congresso tentaria cassá-lo como cidadão ou a Academia Brasileira de Letras como poeta.

No entanto, passados 96 anos da carta que Drummond mandou a Mário de Andrade, é melhor a gente ter olhares globais para o Brasil, que precisa de uma maior proteção qualitativa eleitoral porque continuamos a ter políticos “muito vagabundos e razoavelmente imbecis ou velhacos”, como era em 1924. Suspeito até que ainda mais vagabundos, imbecis e velhacos.

É ano de eleições municipais. Precisamos votar bem, muito bem, para um dia o Brasil não amanhecer realmente infecto.





Paraíba já tem quase 30% do território comprometido

Investigações recentes mostram foco de desertificação mais intensa na parte oriental do Cariri, avançando para a ocidental

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A Paraíba apresenta quase 30% de sua área comprometida com a desertificação, segundo dados do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Dos nove estados do Semiárido analisados, sendo oito deles da Região Nordeste, a Paraíba só perde para Alagoas (32,8% de área) que está no topo da lista (veja quadro abaixo).

Segundo o professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bartolomeu Israel de Souza, a desertificação no solo paraibano pode ocorrer em cerca de 80% do Estado, levando em consideração o domínio do clima semiárido e principalmente as práticas agropecuárias, o extrativismo vegetal e atividades mineradoras com pouco uso de medidas de uso sustentável de manejo da terra e dos recursos naturais.

Ele, que é um dos coordenadores do Laboratório de Estudos do Semiárido (Laesa) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), conta que as investigações concentradas na região do Cariri paraibano mostram que existe um foco intenso de desertificação na parte oriental dessa região e um avanço mais recente na área ocidental. "Destacamos os municípios de São Domingos do Cariri, Caraúbas, São João

do Cariri, Barra de São Miguel, Camalaú e Congo como os que apresentam situação mais preocupante", ressaltou.

O professor afirmou que ainda não há na Paraíba um acompanhamento temporal de longo período para identificar se a desertificação está ou não aumentando. No entanto, há evidências de desmatamento e modificações na diversidade vegetal da Caatinga que apontam que esse processo está aumentando. Essa análise no território paraibano é feita por meio de várias técnicas usadas para mensurar esse fenômeno de degradação da terra, como o uso de imagens de satélites, que identificam a evolução espacial da cobertura vegetal, assim como a detecção de temperaturas superficiais dos solos.

Historicamente, a principal causa da desertificação na Paraíba é a extração da vegetação, "seja para ampliação da agropecuária ou uso como fonte energética, cabendo a essa última a causa maior, de forma mais recente". Com o desflorestamento, as áreas com pouca ou nenhuma cobertura vegetal ficam degradadas, com solo exposto, sujeito a processos erosivos mais intensos. "As temperaturas do solo ficam muito elevadas, criando um microclima desfavorável a uma série de plantas sobreviventes e à germinação de sementes, o que piora sob a chegada de alguma seca intensa, como a que ocorreu entre 2011 a 2017", completou.



Foto: Roberto Guedes

Aridez e empobrecimento do solo são características de áreas em processo de desertificação ou já "mortas"

+ Reflorestar e mudar hábitos

Para reduzir o impacto da desertificação na Paraíba é preciso investir no reflorestamento, dando preferência às espécies nativas da Caatinga. Mas para viabilizar o desenvolvimento de nova vegetação, o professor do Departamento de Geociências da UFPB, Bartolomeu Israel de Souza, explica que deve-se tentar recuperar o solo das áreas atingidas, diminuindo os processos erosivos e favorecendo a acumulação de água.

Em paralelo a este trabalho, é importante ocorrer a disseminação do conhecimento de práticas sustentáveis de uso do solo, para fins agropecuários. "No caso da retirada da vegetação para uso como fonte energética, as indústrias - cerâmica, padarias, têxtil e mineral, como principais utilizadoras da lenha da Caatinga, devem receber apoio governamental para substituir o uso da lenha, por outra fonte menos impactante", sugeriu.

O professor e pesquisador ainda alerta que deve-se proteger melhor as

Unidades de Conservação (UCs) existentes, ampliar suas áreas em regiões críticas, criar novos espaços e desenvolver mecanismos de interligação (Corredores Ecológicos) entre essas UCs. "Além disso, desenvolver atividades econômicas no semiárido, gerando emprego e renda de forma sustentável, é fundamental para diminuir a pressão sobre uma série de recursos naturais e, nesse caso, o turismo ecológico é uma boa alternativa, entre outras possibilidades".

Essas práticas, segundo ele, foram implantadas na década de 1930 nos Estados Unidos (EUA), durante uma forte estiagem, acompanhada por processos erosivos. O resultado foi o controle da desertificação no país.



Foto: Roberto Guedes

O professor Bartolomeu Israel diz que a proteção e a ampliação das UCs são medidas fundamentais e urgentes

SERVIÇO

■ *Veja os dados do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites (Lapis) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) sobre desertificação

Estados Áreas em desertificação (%)

Alagoas	32,8
Paraíba	27,7
Rio Grande do Norte	27,6
Pernambuco	20,8
Bahia	16,3
Sergipe	14,8
Ceará	5,3
Minas Gerais	2,0
Piauí	1,8

Fonte: Lapis/Ufal

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Hoje, talvez...

Neste domingo de reclusão, talvez eu acorde sem dores especiais, além das próprias dos sexagenários, e ache digna de atenção especial a geografia de certa pessoa vestida de sonho e poesia.

Talvez reconheça no compadre que virou fascista de uma hora pra outra, certas razões de foro íntimo. Nenhum homem se transforma instantaneamente.

Talvez compreenda o carisma daquele líder porque conheci uma pessoa que voltou para a linha de pobreza.

Talvez eu voeje pelas ondas do dicionário a ache esse verbo tão lindinho e charmoso para escrever aqui na Toca.

Talvez eu compreenda a amplitude da irresponsabilidade daquele compadre que convida os amigos pra tomar uma cerveja e ouvir um som maneiro, em plena pandemia.

Talvez eu me ache no isolamento e busque novas expressões e modos de vida.

Talvez eu controle meus sentimentos belicosos e desista de apontar meus canhões para alvos insignificantes.

Talvez eu atualize meu blog em atenção a você que me passa as irradiações brilhantes do seu apreço, ao me ler.

Talvez eu respire noutra faixa vi-

bratória e não compreenda um gesto de amor ou outro.

Talvez eu volte a escutar o cara que quer botar o bloco na rua, procurando material emotivo para me indignar poeticamente.

Talvez, por não conhecer a arte da natação, não entre na última onda e não me sinta 70%.

Talvez lembre de minha mãe e acredite que ela ainda faz preces santificantes para seus filhos, apesar das nuvens de olvido na veneranda cabeça.

Talvez eu escreva uma poesia por me sentir desamparado.

Talvez retroceda, instintivamente, da intenção de investir em projetos que, no fundo, são vísceras cada- víricas de antigos sonhos.

Talvez eu olhe olho no olho do sol e reinvente novas utilidades para a vitamina D.

Talvez, isolado, não esteja percebendo o velho mundo remoçando. Na pandemia, quem sabe, um virtuoso vírus destrói e cria.

Talvez Deus não saiba o que são as redes sociais, na sua infinita sapiência e discernimento, e as orações tuitadas jamais serão conectadas com o divino. Talvez...



Nilton e Liliane: amizade e parceria ajudam no isolamento



Patrícia e Luís (com o filho Lucas) garantem que o tempo em casa tem ajudado a fortalecer laços familiares



Karina e Fabiano ajudam outros casais a "buscar verdades"

Isolamento é boa hora para ressignificar relacionamentos

Convivência intensa dentro de casa pode afetar o casal, mas também pode ser oportunidade de rever valores

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O distanciamento social necessário para conter o contágio do novo coronavírus resultou na aproximação e convivência integral dentro de casa das famílias. Casais que possuíam uma rotina agitada, com tempos curtos de interação no lar, agora se adaptaram ao novo normal de se manter em segurança, dentro de casa, 24 horas por dia. A convivência intensa pode acarretar em novas percepções acerca do rela-

cionamento, em alguns conflitos, mas, acima de tudo, em um tempo para ressignificar.

Ela, professora universitária e jornalista. Ele, psicólogo e também professor universitário e jornalista. A rotina começava logo cedo, antes das 7 da manhã e terminava lá "para as tantas" da noite. Apesar disso, Patrícia Monteiro e Luís Augusto Mendes sempre se preocuparam em manter algumas coisas na rotina, como almoçar juntos, fazer atividade física também juntos e um tempo com o filhote. Se as demandas

já eram exaustivas normalmente, com a pandemia tudo se intensificou.

"Nossa casa sempre foi o nosso refúgio. O desafio agora é que está tudo reunido no mesmo lugar – o trabalho, o lazer, a tensão, os escapes... Passamos parte do dia fechados, cada em um em seu escritório adaptado", explicou Patrícia. O casal conta que a hora do almoço segue sendo um momento da família.

Dentre as adaptações, Patrícia e Luís se dividem entre maternidade, paternidade,

aulas e o momento a dois. "Na sexta à noite a programação é nossa. Participamos de uma reunião on-line com os casais da nossa igreja, geralmente pedimos uma comida que gostamos e assistimos filmes. Nosso tempo de namorar e estar juntos. Tentamos colocar Lucas pra dormir mais cedo. No sábado, o cineminha é com ele e tem ainda momentos de brincar de lego e brincar com o cachorro", disse Patrícia.

A relação com Lucas, o filho do casal, de 6 anos, também ganhou alguns benefícios.

Segundo eles, antes da pandemia, Lucas dormia antes do pai chegar em casa do trabalho, mas agora ele espera até que o Luís tenha terminado seu expediente. "Faço questão de ter um tempo com ele, toda noite faço com ele o exercício da gratidão aonde ele diz 5 coisas boas que aconteceram ao longo do dia e depois oramos. Às vezes conto histórias e coloco ele pra dormir", contou Luís Augusto.

A pandemia proporcionou a Patrícia e Luís um aniversário de casamento diferente,

mas ainda assim especial. No dia 11 de abril o casal, que se conheceu através de uma amiga em comum na antiga rede social Orkut, completou 11 anos de casados. "Espalhei bilhetes e fotos pela casa e levei café da manhã na cama e Luís foi se surpreendendo ao longo do dia", disse Patrícia. "À noite pedi nosso cardápio favorito e combinei com a sogra e o filho que iria comemorar com Paty jantando juntos e vendo filme, só nós 2, tudo dentro do quarto. Assim celebramos a data", completou Luís.

Ajustes dentro de casa

Liliane Tavares e Nilton Luciano são mais um casal que também vivenciou o aniversário de casamento na pandemia. Uma data sempre marcada por uma saída ou uma viagem se transformou em um momento a dois dentro da própria casa. "No dia 25, fizemos 17 anos de casados e tivemos que reinventar a nossa comemoração. Fizemos um jantar a dois, botamos as crianças no quarto, compramos uma comida diferente para eles e deixamos cada um no seu espaço, e aí, a gente inventou um jantar na sala [para nós dois]", explicou Liliane. Antes da pandemia, Nilton, que é chef de cozinha do quartel em que trabalha, saía de casa logo cedo, às 6h da manhã. Enquanto Liliane se dividia entre cuidar da casa e das crianças e ter um tempo para suas atividades durante a tarde. O casal se encontrava às 18h para fazer atividades físicas, mas o momento de tranquilidade em casa era somente a partir das 20h, segundo eles.

Depois do isolamento social, a convivência – que sempre foi muito tranquila – precisou de apenas alguns ajustes. "A nova rotina é em casa, ele está em home office e a gente faz atividade física em casa. As crianças estão em casa, com as atividades da escola e agora tudo

é dentro de casa. Nossos cultos também são on-line e nos restringimos a sair de casa para fazer as atividades essenciais – mercado, farmácia, etc. A gente respeita as individualidades. Quando ele está no momento de trabalho, eu me ocupo com outra coisa. Assim quando vou fazer minha atividade física, ele se ocupa. No mais, o convívio é muito tranquilo", destacou Liliane.

Amostra

A rotina nova tem "clima de aposentadoria", como brinca o casal. O militar pretende se aposentar em breve e, segundo Liliane, esse tempo em casa tem sido uma amostra da vida que terão daqui a um tempo. "A rotina que a gente criou tem sido uma rotina legal. Mesmo as crianças voltando para a escola, a nossa rotina juntos queremos manter. De poder dividir mais nosso tempo juntos", disse ela.

"A gente tem tido mais tempo para namorar, tempo de qualidade para estar juntos. Estar sempre perto, cuidando um do outro, isso já era uma coisa habitual, mas ele tem cuidado mais. A gente sabe que é passageiro, e com isso a gente tem intensificado nosso relacionamento, nossa convivência. Apesar dos pesares lá fora, aqui dentro tem sido uma boa experiência pra gente", finalizou Liliane.

+ Nada de fórmulas mágicas, apenas paciência

Karina Simões é mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade Fernando Pessoa (UFP), em Portugal. Há 20 anos atende a adolescentes, adultos, casais e famílias. Seu marido, Fabiano Moura também é mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pela UFP. Para o casal, "a maioria das pessoas não estava acostumada a conviver e viver tão intensamente como agora diante dessa pandemia. E com isso, percebemos duas 'verdades' sobre os casais: quem tinha uma boa unidade, convivência e união, esse tempo tem fortalecido a relação. Mas, quem tinha dificuldades de se relacionar e conviver, ou viviam de saídas por aí, esses casais estão mais em sofrimento e muitos prestes a separar. A crise para eles bateu forte", explicaram.

Para driblar ou, ao menos, amenizar os conflitos que possam surgir, os psicólogos afirmam que não existem fórmulas mágicas, mas "existem estratégias que ajudam, no dia a dia das pessoas, a conviver melhor. Sempre orientamos que cada casal precisa achar e definir suas próprias regras internas".

Segundo eles, alguns exemplos são "estabelecer um dia na semana para uma convivência a dois e de casal, assistir agora essas lives juntos e tentar estabelecer um diálogo. Praticar algo em comum, seja um esporte ou algo que traga um ponto de encontro entre o casal. Tentar evitar conversar com o outro num momento em que você veja que não é propício, muitas vezes recuar é avançar na relação. Respeitar o "espaço" do outro nesse momento também é importante e fundamental, ou seja, perceber que o parceiro ou

parceira não está num dia bom, respeite esse tempo e espaço, dentro da sua possibilidade real, e não insista em ter conversas nesse momento", pontuou Karina.

A relação com os filhos também é um ponto que Karina e Fabiano destacam. "Filhos pequenos, na primeira infância, têm dificuldade de compreender a permanência daqueles pais em casa. Eles internalizam que eles estão ali disponíveis. É fundamental trabalhar o equilíbrio e a saúde mental nesse tempo vivido. Tentar estabelecer algumas regras em casa ou códigos nas portas, por exemplo,

/// A comunicação conjugal ou familiar é fundamental para se ter e se manter um bom relacionamento. A falha na comunicação é o que mais gera conflitos em casa ///

é um ideia. Mas como falamos, depende muito da faixa etária das crianças. Também tem que dar conta da escola remota. Ou seja, é um tempo de procurarmos estratégias que melhorem nossa capacidade de resiliência com a vida, pois o mundo pede mais paciência com a vida e com o viver", afirmou Karina Simões.

Cair na rotina

Alguns casais temem "cair na rotina", principalmente em tempos de isolamento social, em que o lazer, o trabalho, as individualidades e o tempo a dois se concentram dentro de casa. "A rotina destrutiva que um casal pode entrar independe da pandemia ou não,

mas claro que nesse meio tempo que vivemos, o isolamento pode levar a conduzir uma relação com uma rotina mais patológica e destrutiva. Ficar atento a forma de comunicação que se tem em casa é a primeira orientação que damos. A comunicação conjugal ou familiar é fundamental para se ter e se manter um bom relacionamento. Costumo dizer que a comunicação é base do terreno que se vai construir e a relação é a própria construção", disse a psicóloga.

Separações

Infelizmente, alguns divórcios e separações entraram para a conta da quarentena com o passar dos dias em isolamento social. "Tem tido um aumento imenso no número de divórcios e separações, percebemos isso na clínica. Isso se deu por essa intensidade de convivência sem preparo e os casais não tiveram ajuda necessária para enfrentar essa overdose de convivência. Muitos casais já estavam com sérios problemas, e aí com esse isolamento só agravou a situação", contou Karina.

"Atendemos muitos casais com problemas e dificuldades de relacionamento. A falha da comunicação é talvez o principal motivo que gera as outras dificuldades. Os casais não sabem dialogar. Não aprenderam a conversar a dois. E com isso sempre a conversa é levada pra tom de crítica e cobranças. E são duas áreas melindrosas de se tocar", pontuou Fabiano. Outra queixa citada é com relação as atividades domésticas, que quando não é dividida, acaba sobrecarregando a mulher – que ainda tem, por vezes, suas demandas de trabalho também em home office.

CLUBE RECREATIVO FLAMENGO
ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA ELETIVA

O Presidente do Clube Recreativo Flamengo, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca todos os associados em pleno direito com o Estatuto Social, para uma Assembleia Geral Ordinária Eletiva no dia 12 de Julho de 2020, às 20 horas, em primeira convocação com 2/3 dos associados ou às 20h30, em segunda convocação, com qualquer número de associados, em sua sede social, à rua da República, número 209, nesta capital, a fim de discutir e aprovar assuntos de interesse do clube, como a eleição para o próximo quadriênio da nova diretoria.

JOÃO DA SILVA
PRESIDENTE

Aumento de casos de covid-19 no interior preocupa Governo

Estudos mostram que os municípios por onde passa a BR-230 e a BR-101 tiveram forte aumento no número de casos

Márcia Dementshuk
Especial para A União

Estudos atualizados de especialistas em colaboração com o Comitê Científico do Consórcio Nordeste demonstram como o novo coronavírus (SARS-COV-2) “trafega” pelas rodovias rumo ao interior da Paraíba, onde o aumento do número de municípios afetados e de casos confirmados indicam a necessidade de atenção ao problema de interiorização da pandemia e suas potenciais consequências.

Os mapas do Comitê Científico do Consórcio Nordeste mostram que os municípios por onde passa a BR-230 e a BR-101 tiveram grande aumento do número de casos e mudaram de cenário no intervalo de apenas duas semanas. É notória a mudança da coloração do amarelo para o vermelho nos municípios por onde passam as rodovias federais, indicando um agravamento da situação epidemiológica nessas localidades.

Dentre os diferentes índices usados para monitorar o aumento de casos confirmados de Covid-19, mapas que descrevem o número de casos por 100 mil habitantes são úteis para uma avaliação comparativa entre localidades com diferentes tamanhos populacionais. De acordo com o pesquisador Rafael L. G. Raimundo, do Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba (Campus IV), “os mapas para o Estado da Paraíba mostram claramente um aumento tanto do número de municípios afetados como no aumento de novos casos em várias regiões paraibanas entre o final de Maio e início de Junho”.

Segundo o professor Raimundo, “neste período de 14 dias, o monitoramento do acúmulo de casos de covid-19 nos diferentes municípios permite a identificação de padrões nesse processo de interiorização da pandemia, o que pode auxiliar os tomadores de decisão a implementar medidas preventivas e mitigatórias, buscando salvar vidas”.

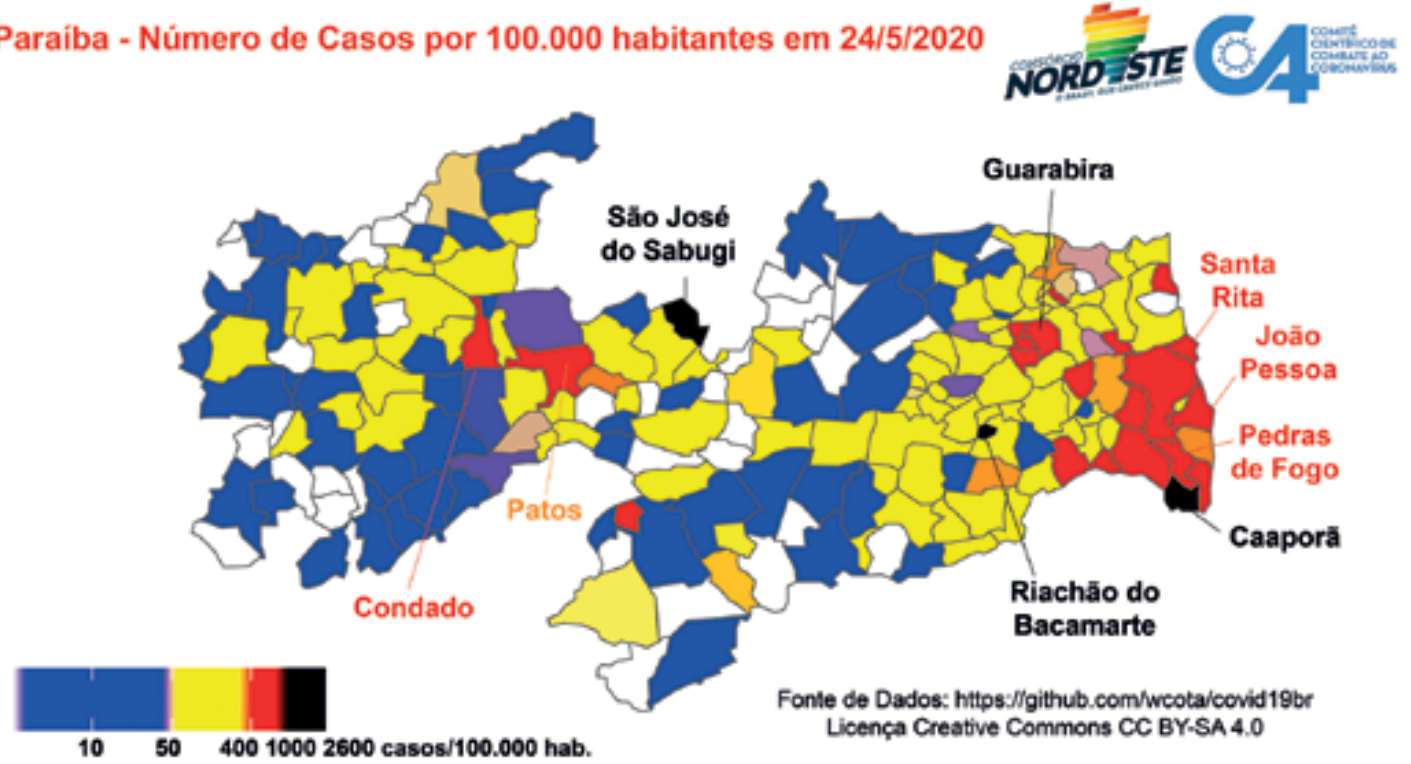
No caso da Paraíba, municípios como Guarabira estão com grande aumento do número de casos nessas últimas semanas. De acordo com o pesquisador da UFPB, “é bastante razoável supor que muitos desses municípios menores não terão, localmente, capacidade adequada de atendimento a um quantitativo crescente de pacientes graves infectados pelo coronavírus, os quais tendem a ser removidos para cidades maiores como Campina Grande e João Pessoa, gerando assim uma sobrecarga extra para o sistema de saúde estadual, que já se encontra operando sob alta demanda”.

Outras regiões em que se observa aumento expressivo de casos nas últimas semanas incluem municípios do litoral norte, como Mamanguape e Rio Tinto (BR-101), várias cidades do agreste paraibano e também o Alto Sertão, notadamente em Cajazeiras e Sousa.

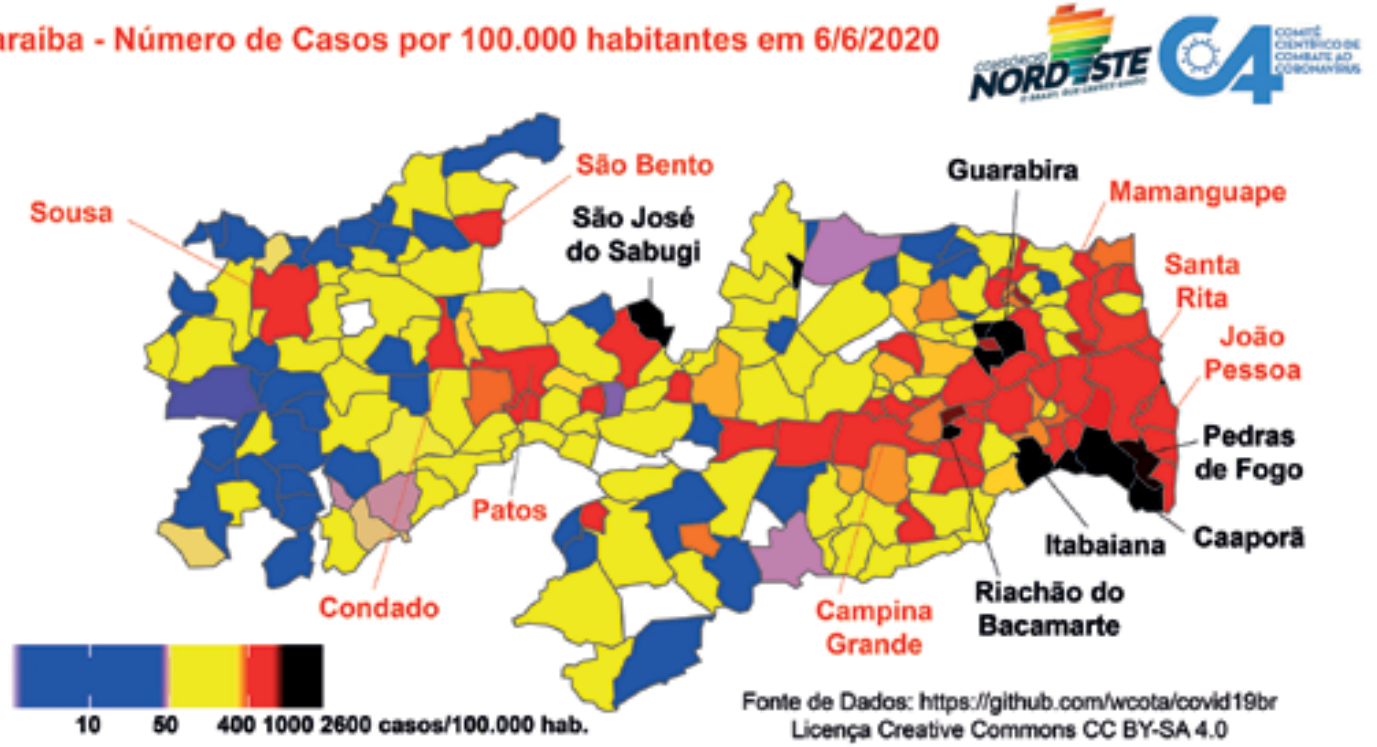
Dessa forma, é fundamental reforçar as medidas de isolamento social e outras políticas emergenciais complementares, tais como como auxílios governamentais para que seja possível para as pessoas, financeiramente, permanecer em casa neste momento.

Infográficos: Divulgação

Paraíba - Número de Casos por 100.000 habitantes em 24/5/2020



Paraíba - Número de Casos por 100.000 habitantes em 6/6/2020



Aplicação da matriz de risco

Para Rafael Raimundo, “não é possível falar de reabertura em situações onde as curvas de casos e de óbitos continuem ascendentes, e o sistema de saúde sobrecarregado, sob pena do agravamento da situação epidemiológica. Qualquer debate sobre a possibilidade de reabertura deve ser pautada por critérios técnicos objetivos, que dizem respeito ao risco que cada cidade ou região está vivendo em determinado momento, tais como os critérios propostos pelo Comitê Científico do Consórcio Nordeste”.

O pesquisador se refere à matriz de risco proposta pelo Comitê Científico de Combate ao Coronavírus em seu Boletim 8 (comitecientifico-ne.com.br). É uma proposta abrangente, considerando critérios de risco chaves como uma referência para gestores estaduais e municipais.

Para formular a matriz de risco, o Comitê do Consórcio Nordeste examinou várias matrizes de risco internacionais, mas também um modelo implementado com grande efetividade pelo Governo do Estado da Paraíba. Abrange três eixos de indicadores: tensão sob o sistema de saúde; situação local da epidemia; e isolamento social e influência geográfica.

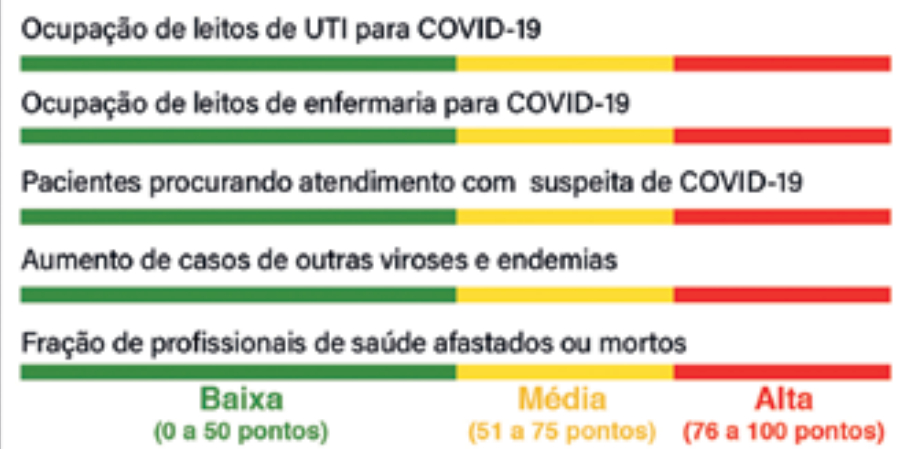
Ao todo, 13 parâmetros foram selecionados (veja nos quadros 1, 2 e 3). Também considera-se o fator de reprodução “R”, que é a taxa que demonstra o crescimento da infecção. Uma nota técnica que detalha os cálculos dos índices propostos na matriz de risco do Comitê Científico do Nordeste, disponível no site do comitê.

Segundo informações da Secretaria de Comunicação do Governo da Paraíba, o modelo apresentado pelo Governo Estadual “é orientador e auxiliará os municípios na tomada de decisão para flexibilização. (...) A matriz foi desenvolvida pela Secretaria de Estado Saúde e pela Controladoria Geral do Estado e é baseada em indicadores, a exemplo da quantidade percentual de novos casos e óbitos, ocupação da rede hospitalar da região e percentual de isolamento social. O modelo analisa um período referente a 14 dias, o qual resulta em uma bandeira com cor indicativa sobre quais as atividades que o município poderá flexibilizar”.

A matriz sugerida pelo governo da Paraíba aos gestores municipais está mais simplificada e confere maior agilidade para a gestão pública. A matriz do comitê é uma referência, requer mais tempo para análise, pois considera maior número de critérios. A atuação do Comitê Científico do Consórcio Nordeste é uma orientação com base em pesquisas exaustivas. Acima de tudo, o poder decisório para definir o que vai ser de fato implementado são os governos estaduais.

	FLEXIBILIZAÇÃO (0 a 50 pontos)	ALERTA (51 a 75 pontos)	TRANCAMENTO (76 a 100 pontos)
C1	Capacidade de resposta do sistema de saúde	Risco intermediário de colapso do sistema de saúde	Alto risco de colapso do sistema de saúde
C2	Situação local da epidemia	Casos confirmados e mortes em baixa e imunidade populacional intermediária	Casos confirmados e mortes em alta e baixa imunidade populacional
C3	Isolamento social e influência geográfica	Isolamento e influência geográfica intermediárias	Isolamento baixo em município com alta influência geográfica

C1: Tensão sobre o sistema de saúde



C2: Situação local da epidemia



C3: Isolamento social e influência geográfica





"O que lhe sobra... nos falta!"

Padre Zé, ordenado sacerdote há cem anos, dedicou sua vida a servir os mais pobres e pode ser o primeiro santo paraibano

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

A Paraíba poderá ter seu primeiro santo. Ainda não há prazo, o processo é longo, mas o assunto tem sido pauta de destaque na arquidiocese. O candidato é o Padre Zé Coutinho e são muitas as qualidades que justificam sua indicação. Conhecido como "pai dos pobres" pelas ações em prol da população carente, abriu mão da própria herança, criou um hospital que atendia pacientes do interior, além de um instituto, onde também morava e que oferecia abrigo e preparo para o mercado de trabalho. Foi incansável na busca por auxílio para dar melhores condições de vida aos necessitados. "O que lhe sobra nos falta. Ajude-nos".

Era o pedido que fazia.

Nascido em 18 de novembro de 1897, no município de Esperança, interior do Estado, o padre católico começou a estudar no Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa. Entre 1912 e 1920, participou da fundação do Jornal O Lábaro e criou uma espécie de cooperativa para ajudar os seminaristas pobres. Sua ordenação ocorreu há cem anos, em 1920, na Catedral Metropolitana, localizada na capital paraibana.

Entre suas "obras" está o início da construção da Igreja de Santa Teresinha, no bairro do Roger. Ele também se destacou no jornalismo, chegando à direção do órgão católico A Imprensa. Na Rádio Tabajara AM, apresentou o programa "25 minutos com o Padre Zé", aos sábados, às 15h.

Compositor

Ao padre, segundo levantamento do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), é atribuída a autoria dos hinos de Nossa Senhora das Neves e de Santa Teresinha, assim como valsas, maxixes e dobrados.

Recebeu, da Santa Sé o título honorífico de "Camareiro Secreto" extra-numerário do Papa Pio XII, o que lhe conferiu a denominação de monsenhor, em novembro de 1951. O homem que dedicou a vida aos pobres não desistiu da causa social nem mesmo quando passou a se locomover numa cadeira de rodas.

O religioso morreu em 5 de novembro de 1973. Isso ocorreu três dias após pedir donativos durante o Dia de Finados, no Cemitério Senhor da Boa Sentença. Na ocasião, ele passou mal devido ao forte calor e foi hospitalizado.

Foto: Reprodução



O "Pai dos Pobres" percorria as ruas da capital em sua cadeira de rodas, pedindo ajuda aos mais necessitados



Edição de 17 de março de 1985 do Jornal A União sobre os 50 anos de fundação da obra missionária do sacerdote

Processo de beatificação

A ordenação do Padre Zé como padre completou um século no dia 23 de março deste ano. Por sua atuação em obras sociais e pelo papel que representou junto à população carente, seu nome passou a ser cotado por religiosos e pelo clamor popular para ser o primeiro santo paraibano. Por enquanto, ainda não há processo oficial, mas a Igreja deve voltar a debater o assunto assim que acabar a pandemia.

"O processo de beatificação dele ainda nem começou. Há, sim, um desejo nosso e do arcebispo da Paraíba para que esse processo se inicie. Nós ini-

ciamos uma conversa sobre tudo isso antes da pandemia, mas por conta dessa situação tivemos que paralisar. No pós-pandemia, nós iremos retomar este tema na Arquidiocese", declarou o Padre Egídio de Carvalho Neto, presidente do Instituto São José e diretor do Hospital Padre Zé.

O sacerdote disse ainda que não há dúvidas de que a santificação se tornará uma realidade. "Com certeza, o Padre Zé Coutinho vai ser elevado aos altares, se Deus quiser, quando nós paraibanos iremos reconhecer o seu trabalho e a sua missão em favor dos mais necessitados", afirmou.

Homem culto

Segundo Padre Egídio, o Padre Zé possuía uma cultura e um conhecimento invejáveis, com atuação em diversas frentes. "Era musicista, tinha uma sensibilidade para a música, e isso também se canalizava para as questões sociais mais graves de sua época. Era talvez o padre mais conhecido da Arquidiocese da Paraíba pelo trabalho que realizava, pela inteligência e pela forma com que se relacionava com os poderes aqui no Estado da Paraíba", completou.



Acima (esq.), o quarto no qual dormia Padre Zé Coutinho, com um ambiente simples e objetos básicos para uso no dia a dia; à direita, o Instituto São José, onde fica a sede das obras de caridade e também o dormitório do religioso até sua morte

+ Doações dobram durante pandemia

A campanha de entrega de refeições para pessoas em situação de rua realizada pelo Hospital Padre Zé ganhou reforço com a pandemia do novo coronavírus. O projeto, que existe há mais de dois anos, sempre realizou a distribuição de alimentos nas ruas do Centro, próximo à Igreja de São Francisco. Mas, devido à pandemia, ele foi estendido para a praia. O número de refeições diárias praticamente dobrou, passando de 1,5 mil para 2,8 mil.

"Atuamos de domingo a domingo, fornecendo as três refeições", destacou Janine Dantas, diretora administrativa do hospital. Ela lembrou que o projeto inicial já contava com a parceria do Governo do Estado e da Arquidiocese da Paraíba. "Começamos com 1.500 refeições em março e agora chegamos a 2.800. O número aumenta a cada dia e não são só de pessoas que vivem na rua. Os

ambulantes, que não têm de onde tirar o sustento, também são beneficiados", acrescentou. A cada 15 dias são entregues kits de higiene, que incluem - sabonete, escova de dente e creme dental. Cobertores também têm sido um pedido frequente de quem mora nas ruas.

Saiba como ajudar

Quem quiser ajudar, pode fazer a doação presencial no próprio Hospital Padre Zé, localizado na Avenida Desembargador Boto de Menezes, 657, Tambiá. Caso não queira sair de casa, por conta do isolamento social, basta ligar para os números 3041-8400, ou 3041-8430. A doação será retirada na casa do doador. Se a ajuda for em dinheiro, ela pode ser efetuada via depósito em conta. Os dados são os seguintes: Banco do Brasil, agência 0011-6, conta-corrente 15774-0, em nome do Instituto São José.



Edições de A União fizeram cobertura do velório e sepultamento, que reuniram multidões para a despedida ao sacerdote



Edição de A União com reportagem sobre o Padre Zé

Depoimentos

/// A vida do Padre Zé foi voltada para a caridade. Atendia o pessoal que vinha do interior à procura de saúde, emprego. Construiu o hospital que foi de valor imenso para a população. Quando o SUS nem existia, o hospital já funcionava. Foi pioneiro na saúde para os mais necessitados. Atuou também na educação e até hoje seus cursos profissionalizantes, como cabeleireiro, manicure, pintura em tecido são oferecidos ///

Izomil de Lima Correia
Superintendente do Hospital Padre Zé

/// O Padre Zé foi pioneiro da promoção humana. Fundou, em 1935, o Instituto São José, no dia 19 de março, para ajudar pessoas pobres e carentes. Saía colhendo pessoas do interior e de outros estados, dando alimentação, moradia e escola. Muita gente se formou a partir dessa iniciativa dele ///

Júlio Aurélio Coutinho
Sobrino do Padre Zé

/// O Padre Zé tinha uma visão de assistência social além do assistencialismo. Num espaço de muita pobreza, dava lugar para que as pessoas morassem e morava com elas. Hoje muitas delas são magistrados, desembargadores. Ele tinha uma visão da assistência social que, para o seu tempo, era muito avançada. Dava condição para que a pessoa pudesse sair da linha de pobreza e de miséria ///

Padre Egídio de Carvalho Neto
Presidente do Instituto São José e diretor do Hospital Padre Zé

PRINCIPAIS INSTITUIÇÕES FUNDADAS PELO PADRE JOSÉ COUTINHO:

■ Instituto São José

Foi inaugurado em 1956. Funcionava na Catedral Metropolitana e só depois passou a ter sede na Praça Dom Adauto, localizada no Centro Histórico de João Pessoa. Além de funcionar como escola e realizar cursos, servia como abrigo para quem vinha do interior realizar tratamento médico e não tinha condições de arcar com hospedagem. Era conhecida como a "Pensão Camarada" que fornecia refeições diárias para essa população a preços muito baixos. Sessenta e quatro anos depois, a unidade permanece em funcionamento e mantém a sua essência de ensinar e preparar para o mercado de trabalho.

■ Hospital Padre Zé

É uma instituição filantrópica fundada em 1965 para atender pessoas carentes que sofriam com diversas doenças e não tinham onde se tratar. Trata-se de um projeto do Instituto São José e, inicialmente, foi chamado de Comissão de Proteção e Amparo ao Indigente (Copeai). O local quase foi fechado por autoridades de saúde, pois essas consideravam o ambiente voltado aos mais carentes como deficiente e infecto. Atualmente, a unidade de saúde atende a pacientes de todo o Estado.

O espírito libertário e poético de Maria

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Maria José Limeira tomava uns drinks no Bar Luzeiro, acompanhada de seu amigo, o jornalista e professor de comunicação da UFPB Josinaldo Malaquias. Um homem de comportamento sornio, sentado na mesa ao lado, acompanhava atentamente a conversa do casal. Maria reconheceu nele um capitão do Exército e, em vez de se intimidar, pois já havia sido presa e torturada por causa de suas ideias marxistas, passou a provocá-lo, exaltando Marx e Lênin. O estranho se levantou, dirigiu-se a ela cortesmente e falou. “Em Cuba não tem uma cachaça boa como aqui. Não é, Dona?” Maria e o militar prorromperam em gargalhadas. Ela o convidou a sentar e, dali por diante, como em num fenômeno que contrariasse a simbiose, se tornaram amigos, cada um com sua ideologia.

Josinaldo, apólitico, ficou espantado com aquela situação de inédita amizade. Mas, logo ele se conformou. Com tantos anos de trabalho ao lado de Maria, sabia que ela era assim mesmo. “Foi a pessoa mais autêntica e erudita que conheci. Estudou filosofia e espanhol, além de possuir um texto primoroso e combativo, daqueles que só são escritos por quem tem a coragem de mamar em onça. Sem falar que, na época, o Brasil vivia sob a égide de uma ditadura sanguinária e cruel,” sublinha Malaquias.

A jornalista viveu o que pregava. Ela não hesitaria em desmascarar feministas e socialistas de “conveniência” ou de “salões”, que não entendessem de fato o que defendiam. Por causa de sua consistente formação marxista, exprimia suas opiniões com ideologias de esquerda, nunca por hipocrisia ou conveniência. “Conhecia efetivamente Marx, coisa que muitos esquerdistas atuais não conseguem, sequer, ler o prefácio de ‘Introdução à Crítica da Economia Política’, do mencionado autor”, explica Josinaldo.

Em qualquer circunstância, era destemida. Ela foi presa e torturada por assumir posições, mesmo convicta de que elas não agradavam ao regime vigente no Brasil pós-1964. De exercitar humor, contava às gargalhadas que, certa vez, sentiu cólicas menstruais que a incomodaram muito na prisão. Sabem o que aconteceu? O comandante do quartel mandou um veterinário para atendê-la. Seu temperamento era forte, mas isento de radicalidade. O jornalista e poeta Jurandir Moura a descrevia como “uma mulher moderna, que não se sentia constrangida em sentar num lugar privativo só de homens, pois não ligava para o que dissessem ou falassem dela”.

Nascida na capital

Maria José Limeira Ferreira nasceu em João Pessoa, em 30 de agosto de 1941. Seus pais, José Augusto Ferreira de Melo e Ermira Limeira Ferreira, eram naturais de Taperoá, no Cariri oriental da Paraíba, distante 258 km da capital. Frequentou o curso de Filosofia Pura na UFPB, mas não conseguiu concluir.

lo. Perseguida pelo regime militar, após o golpe de 1964, abandonou seus estudos superiores.

A ativista

Dotada de uma impetuosidade pessoal e profissional incomum, a jornalista, poetisa e escritora Maria José Limeira não deixava nenhum trabalho por acabar e costumava ser sincera, nem que isso a prejudicasse. Seu filho, o servidor público federal Pedro Luís Limeira, diz que ela era “uma mulher à frente de seu tempo, sendo a primeira a assumir a chefia de redação de um jornal na Paraíba [O Momento]; além de se destacar como ativista política, lutando em favor dos presos que discordavam do regime ditatorial que se instalou no Brasil após 1964; apoiar o movimento das Ligas Camponesas; e participar, presencialmente, da campanha das Diretas Já”, lembra.

Ativista política de arrojo, Maria José Limeira foi presa pela repressão do regime ditatorial, em 1964, poucos meses após o Golpe Militar

Ativista política de arrojo, Maria José Limeira foi presa pela repressão do regime ditatorial, em 1964, poucos meses após o Golpe Militar. Acabou recolhida a um xadrez do 15º Regimento de Infantaria do Exército (RI), no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa. Ao ser libertada, provisoriamente, escolheu as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo como seu autoexílio.

Neste período, começou a trabalhar nos textos de outros livros.

Maria José também foi uma das fundadoras, na Paraíba, do Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA-PB). A iniciativa foi resultado de um esforço juntamente com outras entidades pela promulgação da anistia ampla, geral e irrestrita no Brasil.

Foto: Arquivo do Jornal A União



Na linha dos escritores contemporâneos

Foto: Arquivo do Jornal A União

Na leitura, embora a considerassem a versão paraibana da escritora ucraniana Clarice Lispector, Maria José Limeira era bastante eclética em suas preferências pelos livros. Ao mudar-se, temporariamente, de João Pessoa para o Recife, e depois morar no Rio de Janeiro, exerceu bastante seus conhecimentos, elogiando os heróis modernos, que considerava paladinos da política da igualdade: Marx, Mao Tse-tung e Lênin. Na escrita, seguiu a linha dos escritores contemporâneos, que adotavam as lições de vida como paradigma do cotidiano, sendo um deles Mark Twain, e o outro Jorge Amado. Era assim. Fixava seus olhos numa leitura sadia e de grande abrangência social, focando sua preferência nos menos favorecidos.

Fixava seus olhos numa leitura sadia e de grande abrangência social, focando sua preferência nos menos favorecidos

“Quando eu era criança, ela me levava para onde ia: à redação de O Momento, efemérides, teatro, bares e reuniões intelectuais”, lembra o filho Pedro.

“Diariamente, eu vivia dentro de O Momento, fascinado com aquelas impressoras e observando ela, os redatores e repórteres às voltas com as máquinas de escrever e aquele vai e vem de papéis”, completa.

Além do Jornalismo, Maria José Limeira

também vivenciava a literatura, sendo autora de vários livros como ‘Margem’ (1965), ‘Aldeia Virgem’ (1966), ‘Olho no Vidro’ (1968), ‘Luva no Grito’ (1983) e ‘As Portas da Cidade Ameaçada’ (1980). Escreveu ainda diversas peças teatrais, com destaque para ‘Os Maloqueiros’, recebendo menção honrosa em concurso nacional. Ao morrer, deixou um livro de memórias e outros de textos inéditos: ‘Contos da escuridão’, ‘Todos os Seres’, que são de poemas longos; e ‘Crônicas do Amanhecer’.

Em seu autoexílio no Rio e São Paulo, conviveu com os escritores Aguilinaldo Silva, Vinicius de Moraes, Assis Brasil e José Edson Gomes. Conheceu, também na capital fluminense, o poeta português e crítico literário Arnaldo Saraiva, da cidade do Porto, que dedicou a ela seu livro ‘Encontros/Desencontros’. A amizade durou até a morte de Maria José Limeira, em 10 de julho de 2012.

A escritora e jornalista retornou à Paraíba nos anos 70. Daí ingressou no Jornalismo, começando na reportagem, até chegar aos cargos de direção em diversos jornais, inclusive no semanário O Momento, que ajudou a fundar.



Além do Jornalismo, Maria José Limeira também se dedicou à poesia, publicando vários livros

Repórter como testemunha

Quando escrevi essa matéria para a edição de hoje, lembrei de um episódio que vivi com Maria José Limeira e acho que vale a pena relatar nesse espaço. Seu comportamento demonstrou a seriedade e dedicação com que ela encarava o trabalho em uma redação de jornal.

Conheci Maria na redação de O Momento, no Róger. O jornalista Jório Machado, proprietário do jornal, havia me recomendado uma matéria sobre a feira de Campina Grande. Levei a encomenda e ele me apresentou à sua editora geral. Maria leu a matéria sem expressar a

mínima opinião. Séria, ela transparecia não ter gostado. E eu dependia da opinião dela, para receber meu pagamento de free lancer, já que eu trabalhava, paralelamente, em O Norte.

Maria terminou a leitura, deixou-me em suspense e falou: “Pode ir falar com Jório, que a última palavra é a dele”. Os dez minutos que antecederam minha entrada na sala de Jório pareceram séculos. Topei com um Jório sorridente, que me mostrou a matéria e, entusiasmado, me disse: “Você tem sorte. Ela gostou do seu estilo”.

Depois, Jório sacou a carteira e me pagou o combinado (hoje, seria cerca de mil Reais). Passei de volta pela redação e Maria estava lá, impassível, procurando o espaço que minha matéria ocuparia naquela semana. Perguntei a ela o que achou. A resposta veio seca, mas sincera: “não precisou ser copidescada”.

Exulte, porque eu estava com apenas nove meses de batente. Paulo Queirós, um dos redatores de O Norte, na segunda-feira, me reconfortou. “Gouveia, você não precisa mais ser copidescado”. De lá para cá, passaram-se mais de 40 anos.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

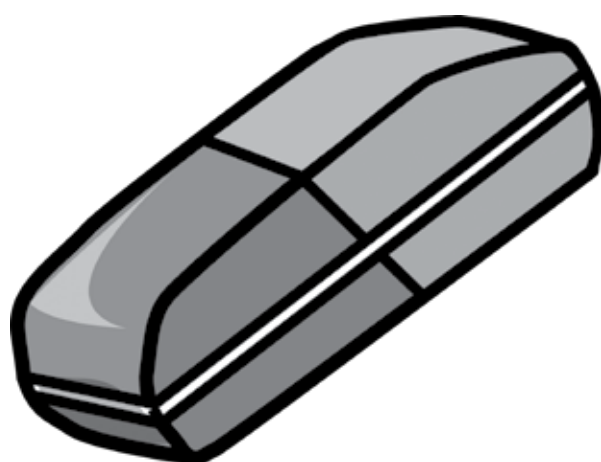
Direito ao esquecimento x liberdade de expressão

Há algum tempo, o jornal impresso em que eu trabalhava decidiu excluir de seu arquivo digital uma notícia antiga, mas ainda disponível ao público na versão em PDF. A medida seguia orientação do setor jurídico, visto que o personagem da notícia alegava que já havia cumprido suas obrigações com a lei; assim, não existiria motivo para que o registro noticioso em questão ainda pudesse ser acessado. A solução encontrada foi cobrir a matéria com um quadrado preto, sem explicação alguma a quem tivesse acesso àquela página no futuro.

Na época, ainda havia poucas discussões sobre o chamado “direito ao esquecimento”, que ainda hoje gera controvérsias no meio jurídico e da comunicação social, notadamente por tratar de conceitos como liberdade de expressão, direito à informação, à memória, à privacidade e à dignidade. De forma geral, o direito ao esquecimento trabalha com a tese de que nenhuma pessoa deve ser obrigada a conviver para sempre com erros do passado, cuja exonsição nossa lhe causar sofrimento ou transtornos.

No Brasil, segundo registro da revista eletrônica Consultor Jurídico (www.conjur.com.br), “esse direito não consta de nenhuma lei — foi criado por juízes”. Na prática, nasceu de uma proposta do desembargador paraibano Rogério Fialho Moreira, do Tribunal Regional da 5ª Região, e se transformou em enunciado da 6ª Jornada de Direito Civil da Justiça Federal: “A tutela da dignidade da pessoa humana na sociedade da informação inclui o direito ao esquecimento”.

Até então, o debate sobre o tema dava a entender que o direito ao esquecimento se referia apenas à internet e aos engenhos de busca, como o Google. Alguns meses depois, porém, tal proposta foi estendida à imprensa no Brasil pela primeira vez. Em dois processos contra a TV Globo, o Superior Tribunal de Justiça decidiu pela tese do esquecimento, ao considerar que as pessoas têm o direito de serem esquecidas pela opinião pública e até pela imprensa. Para alguns juristas, isso tem nome: censura.



são contrários à aplicação da tese do direito ao esquecimento em casos concretos, predomina a ideia de que fatos históricos não prescrevem.

Em debates sobre o tema, várias entidades ligadas a jornalistas ou veículos de comunicação já se pronunciaram. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) destaca que o “direito ao esquecimento” está diretamente relacionado à liberdade de expressão, e não possuem meios, interesse público”.

Já a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) diz que a Constituição Federal não reconhece o direito ao esquecimento como “uma espécie de direito à amnésia coletiva, o direito à queima

dos arquivos da sociedade”. Por sua vez, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) e a Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner), entendem que “o reconhecimento do direito ao esquecimento é um limite à liberdade de expressão, de informação e de imprensa”.

Ainda que não exista uma lei específica sobre o tema no país, a tese do direito ao esquecimento encontra amparo na legislação brasileira e pode se fortalecer. Em 2015, o então deputado federal paraibano Veneziano Vital do Rêgo, hoje senador pelo PSB, apresentou um Projeto de Lei que aborda essa questão. Já aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, o PL 1.676/2015 preceitua, em seu artigo 3º, que “O direito ao esquecimento é expressão da dignidade da pessoa humana, representando a garantia de desvinculação do nome, da imagem e demais aspectos da personalidade relativamente a fatos que, ainda que verídicos, não possuem, ou não possuem maior, interesse público”.

O binômio “direito ao esquecimento x liberdade de expressão” rende muita discussão, que o espaço dedicado a esta coluna não comporta. Necessário lembrar ainda, no entanto, que regimes totalitários tendem a impor o esquecimento como um instrumento de manipulação da memória coletiva, como George Orwell tão bem tratou com a obra seminal “1984”.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Evaldo Gouveia e o Trio Nagô

Quando Falamos neste excelente conjunto vocal e instrumental – o Trio Nagô –, devemos informar que ele é produto de Fortaleza, criado no ano de 1950 por Evaldo Gouveia, Mário Alves e Epaminondas de Sousa, abordando repertório folclórico e temas nordestinos. Gouveia e Alves executavam violões e Epaminondas o atabaque. Inicialmente adotaram o nome artístico de Trio Iracema, realizando shows nos rádios Clube do Ceará (Fortaleza), Poty (Natal) Araripe (Crato), Borborema (Campina Grande) e Tamandaré (Recife).

Eles mudaram o nome de Trio Iracema para Nagô, porque sugeriram que o primeiro era muito paroquial. Então surgiu o nome novo de Trio Nagô, pesquisado em cima da origem do povo negro Iorubá, que falava a língua nagô, de origem africana, sem citar que esta etnia esteve maciçamente presente no Ceará, quando o Brasil resolveu importar escravos negros para a lavoura, em substituição à mão de obra indígena. Este título também caía bem, porque o Ceará foi a primeira província do Brasil a abolir a escravatura, meses antes da Lei Auréa.

Assim, já como Trio Nagô, o grupo recebeu convite para participar dos festejos de aniversário da TV Tupi, de São Paulo, representando o Estado do Ceará e permanecendo na cidade por um mês; seguiu depois para uma temporada da Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. De volta ao Ceará, passou pelo Rio de Janeiro, onde cantou no programa de César Alencar, com grande aceitação. Terminando o contrato que o prendia à Rádio Clube do Ceará, o trio se estabeleceu no Rio de Janeiro, sendo aí contratado pela Rádio Jornal do Brasil e pela gravadora Sinter.

Apresentou-se depois nos boates Vogue (RJ) e Oásis (SP). E gravou, no primeiro disco, o casaqueado Moça Bonita (Gilvan Chaves e Alcir Pires Vermelho) e o maracatu Paisagem Sertaneja (Horácio Aguiar). Em 1952, iniciou um programa semanal na Rádio Record (SP), que ficou no ar até 1957. Em 1953, o conjunto foi contratado pela Rádio Tupi (RJ), prosseguindo as gravações na Sinter, onde gravou, com destaque, o baião Mulatinha Sarará (Walter Tourinho e Isaías Ferreira) e a toada Aquarela Cearense (Valdemar Ressurreição).

Na Continental, regravou Aquarela Cearense, em ritmo de samba, e Boiadeiro (Armando Cavalcanti e Klécio Caldas). Para a RCA Victor, gravou os LPs Um Passeio com o Trio Nagô e Ouvindo o Trio Nagô. Em 1956, o trio excursionou pela Europa, representando o Brasil na Festa do Conhaque e do Café em Paris. Com a saída de Mário Alves, em

1962, o conjunto se desfez, sendo reorganizado meses depois, com a entrada de Manuel Batista. Dos três integrantes do trio, Evaldo Gouveia era o mais talentoso deles, um grande violonista e exímio melodista.

Poucos compositores no Brasil criaram um número razoável de composições quanto Evaldo Gouveia. Não só pela quantidade, mas, principalmente, pela qualidade das suas criações. Os temas abordados em suas canções eram o romantismo - samba-canção e boleros. Grandes cantores alcançaram sucesso nas composições de sua autoria. Um dos principais foi Altamar Dutra, que viria a se tornar o trovador das américas; e outros de renome mundial como Julio Iglesias e Luchito Gatica, este considerado o maior cantor de boleros do mundo.

Evaldo de Oliveira Gouveia, dizia-se neto de cangaceiro. Aos seis anos cantava na “radiadora” da sua cidade natal. Mais tarde, aprendeu a tocar violão. Mudou-se para Fortaleza aos 11 anos, para cursar o ginásio. E, já nessa época, trabalhava na feira, reservando o violão para as horas de folga. Com 19 anos passou a tocar violão num conjunto, que se apresentava em um bar da Praça do Ferreira, e participou por sete vezes seguidas de programa de calouros da Ceará Rádio Clube, ganhando sempre o primeiro lugar na classificação.

Mário Alves, um dos companheiros de Evaldo no Trio Nagô, era seu alfaiate. E Epaminondas, um inseparável amigo de boleros. Evaldo começou a se empolgar com os sucessos do compositor Jair Amorim, de quem se tornou amigo e parceiro de composições. Mas, foi um telefonema de Vadeo, que aconteceu após o Trio Nagô se apresen-

tar no programa de César de Alencar, que começou a melhorar a vida dos componentes do Trio Nagô.

Vadeo integrava O Bando da Lua e, na época, era diretor artístico da Rádio Jornal do Brasil. Então, tomou a iniciativa de contratar o trio por três meses. A seguir, o trio fez várias temporadas de sucessos no Rio de Janeiro e, em São Paulo, aqui iniciando, em 1952, um programa semanal na Rádio Record, que durou quase cinco anos. Então, Evaldo começou a compor em 1957, e sua primeira canção (Deixe que Ela se Vá) foi gravada, com sucesso, por Nelson Gonçalves.

Ainda nesse ano, compôs Eu e Deus (com Pedro Caetano), gravada por Nora Ney; A Noite e A Prece, além de Pior pra Você (ambas com Almeida Rego). Nesse ínterim, Evaldo conheceu Jair Amorim, em julho de 1958, na UBC, e no mesmo dia compuseram Conversa, gravada por Aláide Costa na RCA Victor, em 1959. Foi a primeira música da dupla Evaldo-Jair. Esta, em dez anos, faria cerca de 150 composições. Nesse intervalo, houve a saída de Mário Alves do Trio Nagô, que desfez-se.

Era o ano de 1962, quando Evaldo compôs, com Jair Amorim, Poema do Olhar, gravado por Miltonho; e A Vida Continua, sucesso na voz de Morgana. No ano seguinte, a dupla se destacou com O Bilhete, Samba Sem Pim-Pom, Serenata da Chuva e Tudo de Mim, esta última gravada por Altamar Dutra, que se tornou um dos grandes intérpretes da dupla, gravando, em 1964, os boleros Que Queres Tu de mim, Somos iguais, Sentimental Demais, e a marcha-rancho O Trovador.

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le ScoolediCucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Edson Matos

Qual seria seu desejo?

Hoje é um dia muito especial para mim, pois é dia de meu aniversário. Neste domingo, 14 de junho, quando estou completando meus singelos 46 anos de vida, de muita vida.

Já passei por muitas coisas nesta vida, que com toda certeza dariam um bom livro de muitas risadas, e também de muitas lágrimas. Afinal, a vida não é só feita de momentos felizes.

Este momento que estamos vivendo de pandemia é uma coisa estranha pois não eu vivo com pensamentos de muitas interrogações. Sei que é meu aniversário, um momento que deveria ser só meu, pois como eu mesmo falo, essa data nunca teremos novamente, e seria um momento de estar feliz. Mas faltam muitas coisas. Falta de convívio mais próximo de quem amamos, um silêncio muitas vezes gerado na alma e tantos porquês!

Se pudesse ter um encontro pessoal com o Criador do Universo e ele me perguntasse qual seria meu desejo para esse meu dia especial, eu não pensaria duas vezes em pedir a cura dessa doença.

Vejo que não só a doença tem feito estragos no mundo, mas o mundo está ficando doente de outras formas com a pandemia. Quando falo isso não estou falando só no financeiro, mas espiritual, solidão, depressão, falando diretamente seria desesperador em maneira geral no falar.

Histórias que vão aumentando de amigos, colegas, conhecidos, de conhecidos de conhecidos, de pessoas que não conhecemos, mas as histórias de falências, fechamentos, dívidas, como vão pagar suas contas... quando isso chegar a voltar

a um novo normal, que pode ser de muitos choros e rangeres de dentes.

Meus 46 anos hoje, tenho mais uma história para contar e essa é bem diferente de muitas para colocar neste livro. Quem nunca ouviu essa frase de provérbio antes? Pode parecer que escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho sejam apenas atos, mas te digo que não.

São muito mais do que apenas atitudes que podem se esvaír no tempo. São atos que deixarão um legado, uma memória, uma reputação. E assim sigo minha vida desejando o melhor neste meu aniversário, para que todos nós sejamos renovados de um novo normal, que saíamos livres de um mal pior.

Parabéns a todos que, assim como eu, têm essa mesma energia positiva de um desejo de felicidade para todos.
Vivamos.



QUENTINHAS

- Extra realiza Festival Junino com ofertas em itens tradicionais da época. Algumas datas são marcantes no calendário brasileiro e o período das Festas Juninas, uma das épocas mais saborosas do ano, já anuncia sua chegada com o clima mais ameno e saudade dos quitutes típicos. E para ajudar a tornar a data ainda mais deliciosa e manter a tradição mesmo durante um período com tantas mudanças, chega ao Extra o Festival Junino, que traz, até 17 de junho, os melhores e principais itens para preparar as receitas da estação para festejar em casa.

- Camarada Camarão lança campanha promocional para o Dia dos Namorados, em João Pessoa e os valores promocionais podem ser usados até hoje 14 de junho. A unidade paraibana oferece pratos a partir de R\$ 89; Pedidos serão entregues via Ifood com toda segurança. Um dos pratos é o Polvo Portofino - tentáculos de polvo grelhados com lâminas de alho, tomate cereja e rúcula, acompanhados de arroz de camarões com tomate fresco, cebola, pimentão, leite de coco, queijo coalho, cebolinha, salpicado com castanha de caju. O prato está de R\$ 175 por R\$ 99 e serve duas pessoas. Seu Instagram @camaradacamaraojaopessoa. Fone: 3506-7757

PITADAS A GOSTO

Tilápia é o nome comum dado a várias espécies de peixes ciclídeos de água doce pertencentes à subfamília Pseudocrocidolita e em particular ao gênero Tilápia. São nativos da África, mas foram introduzidas em muitos lugares nas águas abertas da América do Sul e sul da América do Norte e são agora comuns na Flórida, Texas e partes do sudoeste dos Estados Unidos, sul e sudeste do Brasil. No sudeste esta espécie é um dos principais peixes da pesca artesanal, principalmente no Rio Grande, Estado de Minas Gerais. Em Angola também recebe o nome cacusso. Tilápias são fáceis de manter em aquário, já que lhes é suficiente o espaço neles. Elas se reproduzem facilmente e crescem rapidamente, mas são perigosos para qualquer outro peixe pequeno. A maioria das espécies são reprodutores de superfície mas alguns protegem a cria na boca.

A Tilápia é uma das espécies mais procuradas para criação em escala industrial, por apresentar rápido crescimento, grande rusticidade, fácil manejo e alto nível de rendimento. Além disso, possui carne de ótima qualidade, poucas espinhas e de bom paladar.

PRATO DO DIA

Filé de tilápia com risoto de abacaxi

Ingredientes

- 500g de filé de tilápia
- 200g de bacon
- 500g de arroz arbóreo
- 01 abacaxi
- 01 cebola ralada
- Azeite
- Manteiga
- Sal, pimenta do reino e noz moscada a gosto
- 80ml de cachaça
- 01 litro de caldo de legumes
- Coentro picado ou salsa

Modo de preparo

Tempere os filés de tilápia ou peixe de sua preferência com sal e pimenta do reino e leve a uma frigideira ante aderente com um pouco de azeite para dar uma grelhada e reserve. Em uma panela grande coloque uma colher de sopa de manteiga e uma de azeite, em seguida coloque o bacon de uma leve dourada e coloque as cebolas não deixando queimar. Em seguida coloque o arroz mecha bem e coloque a cachaça, tempere com sal, pimenta do reino e a noz moscada. Coloque o caldo até cobrir o arroz e mexendo sempre, coloque o abacaxi cortado em cubos e siga o processo do preparo do risoto até o fim. Quando pronto ao dente o arroz, coloque uma colher de sopa de manteiga. Sirva conforme a foto.



Foto: Arquivo Pessoal